

**MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO
INTERNACIONAL**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO**

**PERCEÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO IMIGRANTE: ESTUDO
DE CASO NA UNIÃO DAS FREGUESIAS DE A-DOS-
CUNHADOS E DA MACEIRA**

MÁRCIO RAFAEL MAIA GOMES

ORIENTADORES:

PROFESSOR EDUARDO MORAES SARMENTO, ORIENTADOR

DOUTORA ELISA ALVES, COORIENTADORA

JUNHO, 2025



**Lisbon School
of Economics
& Management**
Universidade de Lisboa

Índice

Índice de Tabelas	v
Índice de Gráficos	vii
Agradecimentos.....	viii
Introdução	10
Capítulo 1: Revisão da Literatura	12
1.1. - Integração Social como processo da Coesão Social.....	12
1.1.1 - Integração social: debate, modelos e dimensões	12
1.1.2. - <i>Coesão Social: discussão, abordagens e características</i>	16
1.2 - Imigração em Portugal	20
1.2.1. - <i>Dados sobre a imigração em Portugal</i>	20
1.2.2. - <i>Fatores, benefícios e consequências da imigração em Portugal</i>	21
1.2.3. - <i>Perceção sobre a imigração</i>	24
Capítulo 2 - Estudo caso: Freguesia da União de A-dos-Cunhados e da Maceira.....	28
2.1. - Freguesia de A-dos-Cunhados: composição territorial e população estrangeira.....	28
2.2. - Metodologia.....	30
2.2.1. - <i>Modelo de Análise</i>	31
Capítulo 3 – Análise de Resultados	33
3.1. - Caracterização dos indivíduos	33
3.2. - Dimensão Social	34
3.3. - Dimensão Cultural	36
3.4. - Coesão Social.....	40
3.5. - Análise comparativa dos dados.....	42
Discussão Final, Contributos, Investigações Futuras.....	44
Referências	47
Anexos	50

Resumo

Esta dissertação pretende contribuir para o debate sobre a imigração em Portugal, especificamente, a perceção dos portugueses sobre a imigração. O foco do estudo é na União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira e da sua população residente, com o intuito de analisar a sua perceção da população imigrante, através dos conceitos de integração social e coesão social.

Os dados obtidos através das respostas de 51 residentes da freguesia ao questionário realizado via online, apresentam uma perceção maioritariamente negativa da população imigrante, no qual destaca-se a diferenciação cultural, social e religiosa, a responsabilidade do imigrante pela falta de integração e a falta de sentimento de comunidade entre estas duas populações, por razões de segregação e falta de interação.

Palavras-Chave: Integração social, Coesão social e Imigração.

Abstract

This dissertation aims to contribute to the debate on immigration in Portugal, specifically the Portuguese perception of immigration. The focus of the study is on the Union of Parishes of A-dos-Cunhados and Maceira and its resident population, with the aim of analysing their perception of the immigrant population through the concepts of social integration and social cohesion.

The data obtained from the responses of 51 residents of the parish to the online questionnaire shows a mostly negative perception of the immigrant population, in which the cultural, social and religious differentiation stands out, the immigrant's responsibility for the lack of integration and the lack of community feeling between these two populations, for reasons of segregation and lack of interaction.

Keywords: Social integration, Social cohesion, and Immigration.

Códigos JEL: J15; R23; Y4; Z00.

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Município de Torres Vedras: População Residente Total, por freguesia, 2011-2021

Tabela 2 - Município de Torres Vedras: Densidade Populacional, por freguesia, 2011-2021

Tabela 3 – Município de Torres Vedras: Crescimento da População Residente Total, por freguesia, 2011-2021

Figura 4 - Município de Torres Vedras: População Residente Segunda a Nacionalidade, por freguesia, 2011-2021

Tabela 5 – Município de Torres Vedras: Crescimento da População Residente Segundo a Nacionalidade, por freguesia, 2011-2021

Tabela 6 – Questionário: Respostas Sexo

Tabela 7 – Questionário: Respostas Idade

Tabela 8 – Questionário: Comparação das respostas de Sexo e Idade

Tabela 9 – Questionário: Pergunta 1

Tabela 10 – Questionário: Comparação das respostas da Pergunta 1 com a Idade

Tabela 11 – Questionário: Pergunta 2

Tabela 12 – Questionário: Pergunta 3

Tabela 13 – Questionário: Pergunta 4

Tabela 14 – Questionário: Pergunta 5

Tabela 15 – Questionário: Pergunta 5.1

Tabela 16 – Questionário: Pergunta 6

Tabela 17 – Questionário: Pergunta 7

Tabela 18 – Questionário: Pergunta 8

Tabela 19 – Questionário: Pergunta 9

Tabela 20 – Questionário: Pergunta 10

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Questionário: Sexo

Gráfico 2 – Questionário: Idade

Gráfico 3 – Questionário: Pergunta 2

Gráfico 4 – Questionário: Pergunta 3

Gráfico 5 – Questionário: Pergunta 4

Gráfico 6- Questionário: Pergunta 5

Gráfico 7 – Questionário: Pergunta 6

Gráfico 8 – Questionário: Pergunta 7

Gráfico 9 – Questionário: Pergunta 8

Gráfico 10 – Questionário: Pergunta 9

Gráfico 11 – Questionário: Pergunta 10

Agradecimentos

Primeiro, quero agradecer ao meu orientador, o professor Eduardo Sarmiento e à minha coorientadora, Elisa Alves, por todo o apoio, tempo e conhecimento que prestaram, pois só com os seus contributos poderia ter completado esta dissertação. Estendo também a minha gratidão para a minha família e namorada, pela paciência, pelos debates e pelos ‘insights’ que me deram ao longo deste percurso.

Introdução

Existe uma vasta literatura que estuda a temática da imigração, da sua integração na sociedade de destino e o seu impacto na coesão social, sendo igualmente, variadas as perspetivas e teorias sobre esses três pontos e como estão relacionados. Deste modo, surge a necessidade de analisar estes três conceitos e enquadrá-los na perspetiva da população da sociedade de acolhimento face à imigração e aos imigrantes nos países de destino.

Neste enquadramento, destaca-se o estudo de Lopes et al. (2024), da Fundação Francisco Manuel dos Santos, não só como inspiração para a presente investigação, mas também como trabalho de referência para a tentativa de analisar a problematização mencionada anteriormente.

O presente estudo pretende realizar uma investigação empírica similar, porém enquanto o estudo mencionado aborda a população portuguesa a nível nacional, numa perspetiva macro, este estudo pretende analisar numa perspetiva local, ou seja, micro. Desse modo, pretende-se analisar uma localidade de referência estatística e de motivação pessoal para o investigador, destacando-se assim a União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira, no concelho de Torres Vedras.

A escolha desta freguesia prende-se à evolução da população estrangeira, que no espaço de uma década, registou um aumento exponencial demográfico, como é possível perceber pelos censos de 2011 e 2021. Realça-se ainda que a população estrangeira foi maioritariamente responsável pelo crescimento populacional na localidade durante este período.

Adicionalmente, existe uma motivação pessoal associada à escolha desta freguesia, sendo esta uma localização fortemente ligada ao círculo social do investigador. Deste modo, este estudo tem como objetivos abordar numa visão micro a perspetiva dos residentes sobre a imigração, entender como é percebida a integração dos imigrantes por parte da população residente de A-dos-Cunhados, como esta perceção afeta a coesão social e como a população residente percebe o impacto da imigração na sua localidade.

Nesse sentido, procedeu-se a uma revisão literária sobre o conceito de integração social e de coesão social, na medida em que estes termos são “elusive concepts that are

defined in different ways.” (Saggar et al., 2012, pp. 2). Esta análise procurou ainda entender como é que estes conceitos podem ser operacionalizados, ao entender os seus indicadores e a relação entre estes dois conceitos.

De seguida, pretende-se contextualizar a imigração em Portugal, com o objetivo de entender o papel da imigração no país e perceber a perceção atual da população residente de A-dos-Cunhados sobre a imigração e os imigrantes.

Inicialmente será feito uma breve revisão dos dados e estatísticas da população estrangeira residente em Portugal, de seguida procurar-se-á entender os fatores, os benefícios e as consequências da imigração em Portugal e a perspetiva da população portuguesa sobre a imigração e os imigrantes.

Posteriormente, será feita uma análise do estudo caso deste trabalho, sendo essa a da União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira, sendo este subcapítulo dividido em duas partes, correspondendo a primeira a uma análise da sua composição territorial e a, subsequentemente, evolução da sua população, a partir dos censos de 2011 até aos censos de 2021, com foco especial na população estrangeira residente.

Por fim, implementou-se o questionário online, sendo este constituído por perguntas de resposta aberta ou fechada, característico do método misto, bem como, o método bola de neve para estabelecer contacto com possíveis inquiridos.

Capítulo 1: Revisão da Literatura

1.1. - Integração Social como processo da Coesão Social

1.1.1 - Integração social: debate, modelos e dimensões

O conceito de integração social na literatura académica e na esfera política e social, é compreendido mais como um termo abrangente do que um conceito exato, sendo que esta problemática cria dificuldades no estudo da integração e, especialmente, na vertente da imigração. Porém, é possível detetar determinadas semelhanças e pontos de convergência, que permitem estabelecer uma noção e, paralelamente, uma definição e operacionalização deste conceito.

De acordo com Spencer (2022), o conceito de integração sofre de uma carência de entendimento e de separação de pressupostos que o caracterizam, isto é, esta definição tem o pressuposto de estudar a sociedade como se deseja que seja e não como é. A autora afirma que para Durkheim uma sociedade é culturalmente homogénea, unida através de valores comuns e que existem membros que pertencem e não pertencem à sociedade. Em parte, esta ideia constitui a fundação para caracterizar o conceito de assimilação “as a unidirectional journey undertaken by immigrants—largely of cultural adaptation—into a culturally homogenous majority society” (idem, p. 220).

Spencer (2022), afirma que esta conceptualização afirma três pontos, salienta a perspetiva de Durkheim de uma sociedade homogénea sem diferenças, que a responsabilidade da integração é do imigrante e que este processo é medido através da similaridade de comportamentos e atitudes do imigrante na sociedade recetora, sendo este o objetivo final. Deste modo, estas características fundamentam uma perspetiva unilateral de ação e com consequências graves para o imigrante, caso persista alguma distância cultural.

Segundo Bloemraad et al. (2023), existe uma perspetiva, tida como objetiva, de distância cultural na visão e linguagem social, política e académica. De acordo com esta perceção, a distância cultural é um obstáculo para a integração social, portanto, vários modelos foram adotados para moldar esta distância para inserir ou excluir estes grupos na sociedade de destino.

A assimilação cultural pretende que o imigrante descarte a sua cultura pela cultura da sociedade do país de destino, garantindo a total diminuição da distância cultural. Uma outra abordagem que pretende ter o mesmo resultado, de eliminar a distância cultural, porém através de uma visão mais inclusiva e através da interação, é a convergência cultural ou multiculturalismo. Neste modelo, promove-se a interação inter-grupo e com este contacto, entre ambos os atores, o objetivo é criar a “two-way integration through cultural convergence” (idem, p. 4).

Para além destas abordagens, os autores apresentam mais dois modelos, sendo estes a separação cultural e o modelo de exclusão. A separação cultural tem como objetivo separar e distanciar os imigrantes da sociedade recetora, por outro lado, a exclusão cultural só permite a entrada de imigrantes de cultura similar. Em ambos dos modelos não é estabelecido uma tentativa de diminuir a cultura cultural, mas sim isolar ou negar acesso nas sociedades recetoras os elementos considerados diferentes culturalmente.

Segundo Bloemraad et al. (2023), esta perspetiva singular de medir a possibilidade de integração de um imigrante através da cultura mais, especificamente, a similaridade entre culturas, é errónea, pois como os autores explicam

Claims about cultural distance, therefore, need to be carefully interrogated and not taken at face value (...) cultural distance does not simply flow from objective criteria; indeed, what is “objectively” distant is socially constructed and thus which “cultural” markers are selected for scrutiny can change over place, time, and by group, as can the meaning and valence of these markers (Bloemraad et al., 2023, p. 6).

Ferreira (2021), afirma que este tipo de modelos descritos anteriormente, são uma tentativa de dissolver o imigrante na sociedade recetora e propor uma integração com um único foco no aspeto cultural, no qual ausenta a integração entre outras dimensões, como por exemplo, a inclusão ou exclusão do imigrante nos domínios públicos.

Para Spencer (2022), esta perspetiva de integração com uma visão meramente cultural e de uma sociedade homogénea, não demonstra a realidade do processo de integração. A autora argumenta que as sociedades são heterogéneas, complexas e diversificadas, nas quais o processo de integração envolve os dois atores sociais, o

imigrante e a sociedade recetora. Assim, entende-se que os imigrantes interagem com os indivíduos e instituições da sociedade e vice-versa.

Ferreira (2021), adiciona que nesta interação, tem de haver uma consideração especial para a responsabilidade da sociedade recetora na integração do imigrante, pois é este ator que pode facilitar ou dificultar o processo de integração. Deste modo, existe uma responsabilidade legislativa na aplicação de modelos de integração, bem como, depende de “valores e práticas aceites e prevalecentes numa dada sociedade” (Ferreira, 2021, p. 11).

Segundo Spencer (2022), as interações existentes entre atores sociais acontecem em muitas dimensões, não meramente na cultural e não ocorrem ao mesmo nível. Deste modo, a integração tem de ser entendida como um conceito de causa e efeito em várias esferas de vida das relações entre o imigrante e a sociedade recetora.

Esta perspetiva é partilhada por Bloemraad et al. (2023), pois entendem que a integração tem de ser considerada como um conceito multidimensional, no qual existem vários critérios a ter em conta. Para além disso, não necessariamente pode existir uniformidade entre os indicadores, pois um determinado grupo pode mostrar proximidade com a sociedade recetora e num outro critério indicar distância.

Adicionalmente, Bloemraad et al. (2023), afirmam que integração pode ser conceptualizado como sendo um processo de longo-termo e intergeracional, no qual se pretende que exista uma “reduction of difference because gaps with the destination society are expected to narrow across generations” (Bloemraad et al., 2023, p.8).

Saggar et al. (2012), colabora com esta noção do conceito de integração, pois identifica que a integração procura entender as trajetórias dos imigrantes em áreas como as económicas e sociais, com um grau de importância relativo ao papel do imigrante na integração e da sociedade recetora. Por outras palavras, procura entender as trajetórias dos imigrantes e as influências que existem nestes processos pela sociedade de acolhimento. Esta noção é similar a conceptualização do conceito de integração descrito anteriormente, mas para aplicar este conceito em campo e analisá-lo empiricamente é necessário operacionalizá-lo.

Penninx & Garcés-Mascareñas (2016), referem que para operacionalizar o conceito de integração é necessário um modelo de cinco dimensões de estudo, no qual cada dimensão especializa-se numa determinada componente do processo de integração.

Estas cinco dimensões são a dimensão estrutural, sendo esta a participação no mercado de trabalho, educação, habitação e sistemas de saúde; a dimensão social, a interação social, relações e redes sociais; a dimensão cultural, a mudança dos valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida; a dimensão cívica e política, participação na comunidade e no processo democrático; e a dimensão da identidade, o processo onde indivíduos desenvolvem uma identidade partilhada e um sentimento de pertença local, de comunidade, nacional e entre as pessoas com quem vivem.

Spencer (2022), explica que neste modelo uma dimensão não é secundária a outra, são as cinco importantes para entender o processo de integração, sendo que são e devem ser analisadas em conjunto, pois uma dimensão pode impactar e desenvolver-se diferente de uma outra dimensão, bem como, pode facilitar ou dificultar a interação entre dimensões. Segundo a autora, em prática podem surgir situações onde pode haver uma sobreposição de dimensões, como por exemplo “employment in a family business blurs the boundary between engagement in the structural and social spheres” (idem, p. 227). Contudo, são os indicadores que medem o processo de interação de todos os atores sociais envolventes e que os resultados surgem dessa interação.

Adicionalmente, a autora indica que a investigação pode analisar só uma dimensão, tendo sempre em consideração que as outras dimensões têm sempre um papel neste processo e pode impactar o estudo. O mesmo princípio aplica-se a análise dos processos de integração, por exemplo, a nível local, pois os processos e as estruturas nacionais e transnacionais podem impactar a investigação.

Em síntese, o conceito de integração consiste num processo de interação e de responsabilidade entre a população residente e a população imigrante, onde esta interação permite a trajetória da integração do imigrante na sociedade de acolhimento. Este fenómeno ocorre em cinco dimensões, sendo essas a estrutural, a social, a cultural, a cívica e a de identidade, o qual acontece em diversos níveis.

1.1.2. - Coesão Social: discussão, abordagens e características

Similar ao conceito de integração social, a coesão social é um termo com uma conceptualização multifacetada, a sua definição e caracterização variam consoante a área de estudo, bem como, na esfera das políticas públicas e na compreensão geral social.

Holloway & Sturridge (2022), colaboram com esta ideia ao determinar que existe uma falta de consenso na literatura sobre o conceito de coesão social, sendo que o motivo desta divergência provém dos vários fatores, indicadores e fenómenos que impactam a coesão social, complexificando a sua conceptualização.

Para exemplificar este ponto, Moustakas (2023), explica que uma extensa análise à literatura académica do uso de coesão social demonstra duas vertentes, uma que perspetiva que este conceito deve ter uma definição abrangente, enquanto outra perspetiva antagónica, promove uma definição concisa do mesmo.

Fonseca et al. (2019), procuram introduzir uma perspetiva abrangente ao conceptualizarem coesão social. Nesse sentido, os autores determinam que este conceito corresponde ao processo contínuo que procura desenvolver elementos como o bem-estar, o sentido de pertença, a participação social, a tolerância e oportunidades igualitárias para os membros de uma sociedade. Do mesmo modo, os autores destacam e salientam o papel das instituições nesta conceptualização de coesão social.

Segundo Moustakas (2023), esta perspetiva falha na sua capacidade de definir coesão social, bem como, tende para não ser a perspetiva maioritariamente adotada na literatura académica. A abordagem mais abrangente deste conceito, não faz a distinção da definição de coesão social, das causas e consequências das suas componentes principais, isto é, aspetos como desigualdade social e as disparidades em riqueza material.

Complementar a esta ideia, Larsen (2014), identifica que indicadores como oportunidades igualitárias de cidadania e de emprego, bem como, os aspetos ditos anteriormente, são fenómenos materiais, sendo esses fatores que a coesão social não integra na sua definição e conceptualização.

Assim sendo, Moustakas (2023), apresenta a perspetiva concisa que promove a coesão social como sendo caracterizada por três componentes principais, sendo essas o sentido de pertença, as relações sociais e um propósito para o bem comum.

Similar a esta caracterização, Chan et al. (2006), definem coesão social como sendo comportamentos, atitudes e normas que tem base na confiança, com o objetivo de pertença e na vontade de participar e ajudar. Para além disso, Dragolov et al. (2016), caracteriza coesão social como as relações sociais resilientes, os laços emocionais positivos entre os membros de uma comunidade e um forte foco no bem comum.

Cada uma destas três dimensões mencionadas pelos autores são, por sua vez, complementadas por três sub-dimensões. O sentido de pertença ou conexão refere-se à noção de identidade, confiança nas instituições e perceção de justiça, enquanto as relações sociais incluem as redes sociais, a confiança nas pessoas e a aceitação de diversidade. Por fim, o foco no bem comum, integra ideias como a solidariedade, apoio, respeito pelas regras sociais e participação cívica.

Moustakas (2023), caracteriza o conceito de forma semelhante, pois considera que a coesão social possui várias características como a relação social, sentido de identidade, a orientação para o bem comum, sendo estas definidas como:

Social relations speak to the quality, tolerance, trust and levels of participation present within social networks. Sense of identification refers to a sense of attachment or identity with a specific social entity, such as a geographical region. Orientation towards the common good features, feelings of responsibility to others and a certain acceptance of the existing social order. Shared values refer to a consensus concerning social values and beliefs (idem, p. 1031).

Holloway & Sturridge (2022), adicionam a este debate sobre a definição de coesão social, a conceptualização de Durkheim que definiu coesão social através de três aspetos, a interdependência entre indivíduos, a falta de conflito social e os fortes laços sociais. A partir desta caracterização, outros desenvolvimentos foram feitos a este conceito.

Segundo as autoras, a interdependência entre indivíduos evolui para confiança, isto é, a possibilidade de indivíduos permitirem-se serem vulneráveis, com a crença que outros atores sociais não lhe serão perigosos.

De seguida, os laços sociais foram divididos em duas componentes, a cooperação sem incentivos e para o bem comum, sendo caracterizado pela dimensão horizontal, e a participação, tanto política como sociocultural, sendo relacionada com a dimensão vertical.

Holloway & Sturridge (2022), explicam que a divisão por dimensões horizontais e verticais diferenciam-se através do tipo de relação que existem entre atores sociais. Por um lado, a dimensão horizontal representa a relação entre indivíduos e grupos, sendo que estas relações podem ser inter-grupo e intra-grupo.

Por outro lado, a dimensão vertical descreve a relação entre indivíduos e instituições, como o Estado. Esta dimensão é influenciada pela igualdade e disparidade de uma determinada sociedade, sendo o foco a perceção de justiça e a legitimidade dos mecanismos de distribuição.

Por fim, a terceira característica na definição de coesão social, sendo essa o sentido de pertença, que segundo as autoras é “the degree to which an individual or collective group feel like they “fit” together in a group” (Holloway & Sturridge, 2022, p. 10).

Inerente a estas três componentes do conceito de coesão Social, como é referido pelas autoras, apresenta-se a terceira característica de Durkheim, sendo essa a falta de conflito. Nesta conceptualização apresentada a não existência de conflito está integrada e é o pressuposto base para o entendimento de coesão social.

Larsen (2014), partilha esta perspetiva, pois na sua definição de coesão social o autor identifica dois aspetos, sendo o primeiro que este conceito é um fenómeno não-material, pois deve ser observado através da consciência de grupo ou na mentalidade dos membros de uma comunidade.

O segundo aspeto é a confiança mútua que existe entre cidadãos de um Estado-nação, devido a uma moralidade partilhada, sendo que esta confiança só existe caso não haja erosão social, sendo este conceito antagónico à coesão social.

Este conceito de erosão social, representa o declínio ou falta de coesão social, sendo este termo definido como: “fewer citizens in a given nation-state having the belief

that they share a moral community that enable them to trust each other” (Larsen, 2014, pp. 2-3).

Adicionalmente, Larsen (2014), afirma que a coesão social tem a sua origem devido ao processo de integração, pois como o autor explica “Social integration and social cohesion are difficult terms to define. I simply suggest that we define social integration as the process that lead to social cohesion” (Larsen, 2014, p. 2).

Em suma, destaca-se a perspetiva de Saggar et al. (2012) e sua compreensão de coesão social, pois este entende que coesão social se trata da perceção das pessoas de como se comportam umas com as outras numa determinada área ou comunidade. Esta perceção é moldada através de diversos indicadores, como por exemplo, a confiança entre membros e instituições, bem como, a interação e ligação dentro de uma determinada comunidade ou grupo.

1.2 - Imigração em Portugal

1.2.1. - Dados sobre a imigração em Portugal

Segundo a AIMA (2024), houve um crescimento exponencial da população imigrante em Portugal, pois num período de 5 anos, a população residente estrangeira mais que duplicou, passando de 480.300 em 2018, para 1.044.606 em 2023.

De 2018 a 2022, testemunhou um progressivo crescimento, no qual de 2018 para 2019, verificou-se a maior subida neste período temporal, de 22,9%. Porém, de 2022 para 2023, o crescimento foi acelerado, pois de um ano para outro cresceu cerca de 33,6%.

Com este forte crescimento da população imigrante vimos uma subida na sua proporção consoante a população total em Portugal. Sendo segundo o INE (2024), a população em Portugal em 2023, aproximadamente 10639726 habitantes. Deste modo, podemos aferir que em 2023, a população estrangeira residente em Portugal constitui cerca de 9.8% da população.

Adicionalmente, o INE (2024) confirma que de 2022 a 2023 houve um aumento no crescimento da população em Portugal devido ao saldo positivo migratório

The population increase in 2023 resulted from a net migration of 155,701 people (...), which counterbalanced the negative natural balance of -32,596 (...). These results translated into a crude rate of increase, a crude rate of net migration and crude rate of natural increase of 1.16%, 1.47% and - 0.31%, respectively (INE, 2024, p. 1)

Estes números sobre a população imigrante em Portugal, são salientados pelo Eurostat (2025), no qual verifica-se que, em janeiro 2024, cerca de 10% da população total em Portugal é imigrante, sendo que 8,1% não pertencem à União Europeia. Assim, ao analisar a proporção entre estes dois grupos e o seu peso na totalidade da população estrangeira em Portugal, deteta-se que cerca de 83% dos imigrantes são de países de origem que não pertencem à UE.

No mesmo documento, verifica-se que a maior percentagem de imigrantes que residem em Portugal são de origem brasileira, sendo esta população representada com 34% da população total imigrante, seguidos por imigrantes da Ucrânia com 6,7%, a

Angola com 5,1%, o Reino Unido com 4,4%, Cabo Verde com 4,3% e por fim 45,4% pertencem a vários outros países não identificados.

1.2.2. - Fatores, benefícios e consequências da imigração em Portugal

A imigração é uma temática complexa e multidimensional, sendo necessário analisar e estudar de forma exaustiva os fatores associados com a integração e a implementação desta população na respetiva sociedade de destino.

No caso de Portugal, existe um consenso na literatura académica sobre o impacto da imigração no país, sendo esta uma influência positiva, especialmente, em duas dimensões, o demográfico e o económico. Contudo, para argumentar os benefícios da imigração nestas duas dimensões mencionadas, é necessário fazer-se uma contextualização da situação demográfica do país que, inevitavelmente, impacta a situação económica, apesar desta última ter outros fatores que a influenciam. Assim, em Portugal, dois fatores são considerados como primários problemas demográficos, sendo esses a emigração e o duplo envelhecimento.

Primeiramente, o país tem uma longa história com os fluxos migratórios, sendo que este durante um longo período foi caracterizado, essencialmente, pela emigração da sua população.

Quintino (2018), infere que Portugal, durante o século XX e a primeira década do século XXI, enfrentou várias mudanças na constituição da sua população, sendo estas transições demográficas importantes para determinar o historial e as ligações do país com os seus vários fluxos migratórios, bem como, a trajetória demográfica.

A autora identifica dois aspetos fundamentais sobre a demografia portuguesa. Por um lado, existe as dinâmicas e, especialmente, a problematização da composição da população. Por outro lado, existe o papel dos fluxos migratórios e o seu impacto na população portuguesa, especificamente, a emigração como fator que dificulta a trajetória positiva demográfica, e a imigração, como solução para atenuar o decréscimo populacional.

Segundo Quintino (2018), o principal problema que Portugal enfrenta é o duplo envelhecimento, ou seja, a redução da população jovem e o aumento da população idosa.

Este fenómeno é a raiz da trajetória populacional portuguesa, pois como é referido pela autora, o “nível de fecundidade para além de não garantir a reposição natural das gerações futuras, encontra-se abaixo do limiar crítico para a sustentabilidade demográfica de uma população, que se alia ao progressivo aumento da esperança média de vida” (Quintino, 2018, p. 17).

Esta perspetiva é partilhada por Ferreira (2017), que salienta de forma sucinta que a fecundidade em Portugal no futuro “irá previsivelmente manter-se em níveis inferiores ao da substituição das gerações e a longevidade da população portuguesa continuará a aumentar” (Ferreira, 2017, p. 35). Este sintoma dentro da demografia portuguesa caracterizada pelo encolhimento da dimensão populacional, o seu envelhecimento, o aumento da esperança de vida e a redução do crescimento da população, criam uma volatilidade e uma pressão acentuada na demografia do país. Porém, na literatura académica existe um certo consenso sobre como a imigração pode mitigar esta problemática.

Segundo Góis et al. (2019), Portugal tem uma longa história de fluxos migratórios, sendo este fenómeno caracterizado por uma natureza complexa e multidimensional. Esta qualidade multifacetada do processo que é a imigração, tem raízes nas várias realidades históricas, económicas e sociais que Portugal enfrentava em determinado momento.

Pires et al. (2023), afirmam que Portugal, um país caracterizado por uma forte história de emigração, tem-se tornado um polo de imigração, superando os fluxos emigratórios, tornando assim o saldo migratório positivo. Para além disso, Oliveira (2023), argumenta que as características da população que imigra para Portugal é essencial, pois está concentrada em efetivos de idade jovem, matrimonial, fértil e ativa.

Este perfil é o ideal para lutar contra o problema demográfico em Portugal, considerando que o país é um dos “mais envelhecidos do continente europeu – devido à retração do número de filhos, à diminuição da mortalidade e controlo da mortalidade precoce, e à coexistência da imigração com padrões emigratórios duma população em idade fértil e ativa” (Oliveira, 2023, p. 20). Deste modo, entendemos que a imigração pode ajudar a combater com as carências e a trajetória demográfica de Portugal, pois como é referido por Pires et al. (2023), a imigração pode remediar a curto prazo esta

problemática e “apesar das migrações de substituição não conseguirem contrariar o processo de envelhecimento, na sua ausência o envelhecimento seria mais acentuado, dado que o nível de fecundidade tenderia a ser mais reduzido e a dimensão populacional seria menor” (Quintino, 2018, p. 25).

Com a contextualização feita do papel fundamental da imigração como solução para os problemas demográficos em Portugal, um outro fenómeno pode ser abordado, sendo esse o impacto económico proveniente da imigração.

Pires et al. (2023), afirma que o mercado laboral é tanto um mecanismo regulador da imigração, como também, de motivação para esta população. O aumento da população ativa imigrante em Portugal, pode assim ser um instrumento valioso não só em aspetos demográficos, como também económicos, ao reduzir os desequilíbrios entre ativos e inativos.

Segundo Góis et al. (2019), a partir de meados da segunda década do século XXI, a imigração passou de ocorrer no perfil tradicional de mão de obra, para uma combinação da “migração laboral e migração de pessoas inativas (reformados e estudantes)” (Góis et al., 2019, p. 20). Esta atual etapa da imigração em Portugal é caracterizada pela imigração temporária estudantil e pela imigração laboral, especialmente, nos setores agrícola e de turismo. Este crescimento da mão de obra imigrante nestes setores está associado ao crescimento e aceleração da economia nesta última década, tendo os seguintes benefícios,

A imigração laboral representa uma contribuição óbvia para a economia, diretamente através do valor acrescentado do trabalho, da contribuição fiscal e para a segurança social, e indiretamente através do aumento da produtividade da economia. (...) um efeito positivo nas finanças do estado português (...) para o mercado laboral (devido ao potencial de recursos humanos que as populações migrantes representam), na educação (devido ao crescimento do número de jovens em idade escolar que são crianças de imigrantes estrangeiros e a migração de estudantes) (Góis et al., 2019, p. 25).

A possibilidade de extrair estes benefícios da população imigrante para o país, deve-se ao que Oliveira (2023), afirma ser uma forte política de integração. A autora refere que Portugal é reconhecido internacionalmente como um país que promove uma das melhores políticas de integração e inclusão social dos imigrantes.

Para além disso, é identificado que a opinião pública em Portugal, à altura do estudo de Oliveira (2023), é favorável à imigração e os seus contributos, bem como, percebe-a como sendo uma oportunidade e não como um problema. Porém, Góis et al. (2019), apontam que este fluxo migratório apresenta certos desafios e consequências sociais e culturais o que, em torno, mete em causa a inclusão social dos imigrantes nas sociedades de acolhimento.

1.2.3. - Perceção sobre a imigração

Segundo Oliveira (2023), a opinião pública sobre a imigração é favorável, pois encara este fenómeno de forma positiva, bem como, compreende-o como sendo uma contribuição positiva para a sociedade. Deste modo, percebe a imigração como sendo uma “oportunidade e não como um problema” (Oliveira, 2023, p. 21).

Esta posição favorável da população portuguesa sobre a imigração é reforçada pela autora, porém a mesma faz uma afirmação que na altura da publicação do respetivo texto, não é coerente com a realidade, sendo essa “os partidos com representação parlamentar a não terem posições de clivagem acerca da imigração e da integração dos imigrantes no país” (Oliveira, 2023, pp. 21).

Desde 2019, como é inferido por Costa (2023), o partido CHEGA teve representação parlamentar, ocupando um lugar na assembleia da república. Desde essa data, Portugal enfrentou várias novas eleições legislativas, nas quais o partido tem ganho mais força. Em 2022, o partido cresceu para a terceira maior força política com representação na assembleia, aumentando a sua percentagem e ocupação de lugares de um para doze deputados.

Segundo o Ministério de Administração Interna (2024), com as eleições legislativas de 2024, o partido voltou a crescer, com aumento acentuado no número de lugares que ocupa na assembleia da república, subindo para cinquenta deputados e conseguiu cerca de 18% dos votos. Por fim, como se verifica no Ministério de Administração Interna (2025) nas eleições legislativas de 2025, o CHEGA manteve a sua tendência de crescimento, no qual obteve mais dez deputados, crescendo para 60 deputados num período, sensivelmente, de um ano, obtendo cerca de 23% dos votos.

Segundo Costa (2023), o CHEGA adota um discurso populista, anti-imigração e discriminatório, pois como a autora explica

para o partido CHEGA, qualquer política migratória deverá ter em conta o “fracasso do multiculturalismo”, pelo que a integração dos imigrantes deve ter uma perspetiva de assimilação à comunidade de acolhimento, isto é, uma “adoção plena da cultura portuguesa”, bem como a opção por populações imigrantes com raízes em culturas semelhantes à portuguesa (Costa, 2023, p. 73).

Apesar da autora identificar que o partido defende outras causas como, por exemplo, políticas anticorrupção, não deixam de ser um pilar a posição anti-imigração, bem como, um motivo de interesse e importância pelos seus eleitores. Assim, podemos determinar que dentro do mais elevado corpo legislativo em Portugal, desde 2019 existe uma força política, em crescimento, que adota uma postura e ação antagonista à imigração e à integração.

Esta perspetiva da inserção do imigrante na sociedade de acolhimento adotada pelo CHEGA salienta uma realidade, sendo essa um crescimento de uma atitude negativa ou desfavorável em relação à imigração em Portugal. Deste modo, Lopes et al. (2024) apresentam uma realidade atualizada da opinião pública portuguesa sobre a imigração.

Os autores afirmam que a atitude e perceção sobre a imigração é predominantemente negativa, com uma tendência geral e significativa por parte da população em estudo a considerar este fenómeno “mais como uma ameaça do que como uma oportunidade, e como trazendo mais desvantagens do que vantagens” (Lopes et al., 2024, p. 46).

Ao analisarmos com mais detalhe os resultados do estudo, entendemos que existe uma clara maioria que concorda e concorda totalmente, (52,4% e 15,6%, respetivamente), que os imigrantes são fundamentais para economia do país, porém expressam de igual forma uma atitude maioritariamente negativa nas restantes considerações sobre os imigrantes.

De acordo com Lopes et al. (2024), a maioria dos inquiridos considera que os imigrantes empobrecem os valores e as tradições portuguesas, que aumentam os níveis

de criminalidade, que recebem mais do que contribuem para segurança social, que a sua presença contribui para os baixos níveis salariais e contribuem para piores contratos de trabalho para os portugueses.

Importante mencionar que nestes resultados, encontramos as maiores diferenças entre as opiniões positivas e negativas, nas perguntas “A presença de imigrantes aumenta os níveis de criminalidade em Portugal” (Lopes et al. 2024, p. 14) e “A presença de imigrantes contribui para manter os salários baixos no país” (Lopes et al. 2024, p. 14).

Nestas duas perguntas a percentagem que concorda e concorda totalmente com estas perguntas, compreende uma totalidade de 67,4% e 68,9%, respetivamente, sendo estas questões que representam mais de dois terços dos inquiridos. Deste modo, uma análise que se pode reter desta posição dos inquiridos que, os dois maiores pontos de concordância sobre a imigração é o seu impacto negativo na dimensão da segurança e salarial. Assim, os autores admitem que existe uma noção que os imigrantes contribuem para economia do país, porém nas restantes métricas “a perceção dos portugueses relativamente à imigração parece ser mais de ameaça do que de oportunidade” (Lopes et al. 2024, p. 13). Contudo, existe uma outra dimensão que é importante analisar, sendo essa a cultural.

Segundo Lopes et al. (2024), existe uma possível relação entre a perceção da imigração como ameaça e o crescimento das divergências culturais entre a população portuguesa e imigrante, bem como, “há grupos específicos de imigrantes que são percecionados como contribuindo para esta sensação de ameaça e de «empobrecimento cultural»” (Lopes et al., 2024, p. 13). Esta perceção é operacionalizada através de dois métodos, dividir os imigrantes por grupos segundo o seu país de origem e consoante estes grupos, como os inquiridos classificam as diferenças entre a população portuguesa e imigrante, através de costumes e cultura.

Os resultados produzem que os dois maiores grupos que apresentam uma clara perceção de diferença cultural, são os imigrantes do subcontinente indiano, representado a maior percentagem de muito diferente, com 81,1%, e os imigrantes da China, com 70,7%.

Estes resultados apresentam uma clara separação cultural na perceção dos inquiridos da cultura portuguesa com a cultura destes dois grupos o que, em torno, os autores determinam que “a perceção de diferença assume-se aqui como um preditor de uma menor aceitação social destes grupos” (Lopes et al., 2024, p. 22).

Adicionalmente, os imigrantes de países africanos apresentam um resultado muito diferente de 50,1%, enquanto os restantes grupos, sendo esses os imigrantes do Brasil, da Europa de Leste e de países ocidentais apresentam, maioritariamente, pouca diferença ou nenhuma diferença.

Capítulo 2 - Estudo caso: Freguesia da União de A-dos-Cunhados e da Maceira

2.1. - Freguesia de A-dos-Cunhados: composição territorial e população estrangeira

De acordo com a Tabela 1 (Ver Anexo) a freguesia de A-dos-Cunhados possui uma população total de 11568 habitantes, no qual se verifica segunda a Tabela 2 (Ver Anexo) uma densidade populacional de 219 habitantes por km². Contudo, esta freguesia encontra-se numa situação particular, no que diz respeito à sua classificação territorial.

Segundo o INE (2014), a classificação de um espaço urbano tem de integrar um dos seguintes requisitos sendo esses, uma densidade populacional superior a 500 habitantes por km² ou uma população total igual ou superior a 5.000 habitantes.

De seguida, existe o espaço semiurbano, que refere uma localização que, não tenha sido considerada como espaço urbano, tem de ter uma densidade populacional superior a 100 habitantes por km² e inferior ou igual a 500 habitantes por km² ou uma população residente igual ou superior a 2.000 habitantes e inferior a 5.000 habitantes.

Por fim, só se considera espaço de ocupação predominantemente rural caso não tenha sido incluído em nenhuma classificação anterior, caso tenha uma densidade populacional igual ou inferior a 100 habitantes por km² ou uma população residente inferior ou igual a 2.000 habitantes.

Nesta esquematização, verifica-se que a freguesia de A-dos-Cunhados e Maceira, respeita o requisito populacional do espaço urbano, porém, do mesmo modo, é importante apontar que a densidade populacional se encontra associada com o requisito da densidade populacional do espaço semiurbano.

Entende-se assim uma problematização na classificação territorial da freguesia em questão, especialmente, se tivermos em consideração o texto de Diogo (2024), no qual argumenta-se que segundo a comissão europeia uma área predominantemente rural tem de ter o seguinte requisito: “population density of fewer than 300 inhabitants” (Diogo, 2024, p. 2).

Para além disso, o documento do Plano de Desenvolvimento Rural 2020, identifica a freguesia como sendo uma área integrada por este plano, como também, identifica esta localização como sendo uma zona rural.

Em acréscimo, o site da câmara municipal de Torres Vedras, identifica que esta localização tem atividades económicas com base no turismo e nas atividades agrícolas como, por exemplo, a horticultura, a produção animal, a caça, a silvicultura e a pesca. Segundo Manchado (2022), este tipo de atividade é típico de uma área considerada como rural, pois “no espaço rural (...) a população está mais ligada às atividades agrícolas” (Manchado, 2022, p. 36).

Na sua essência, esta problematização serve para expressar que não é claro a definição territorial da freguesia em questão, existindo um certo grau de subjetividade na classificação da localidade. Deste modo, para o propósito do presente trabalho irá considerar-se a freguesia de A-dos-Cunhados e Maceira como um espaço rural, com características populacionais similares a um espaço urbano.

Com a classificação territorial definida é necessário abordar a temática fundamental para o presente trabalho, sendo essa a imigração e a composição da população imigrante na freguesia.

Verifica-se na Tabela 4 (Ver Anexo), que de 2011 a 2021, a população total da freguesia da União de A-dos-Cunhados e Maceira aumentou de 10391 para 11568 residentes. Neste crescimento de 1177 residentes, ou um crescimento como se determina na Tabela 3 (Ver Anexo) de 11,3%, claramente identificando-se o papel da população estrangeira nesse aumento.

Segundo a Tabela 5 (Ver Anexo), em 2011, a população estrangeira nesta freguesia consistia em 520 estrangeiros, representado 5% da população total. Porém, num período de uma década, em 2021, a população estrangeira aumentou para 1.165 imigrantes.

Este crescimento da população estrangeira, deve-se ao aumento de 645 imigrantes, que representam mais de metade do total crescimento populacional entre os censos de 2011 a 2021, aproximadamente 55% dos novos residentes.

Por fim, verifica-se que a freguesia apresenta os maiores níveis populacionais de estrangeiros residentes, bem como de crescimento populacional do concelho inteiro, fora de Santa Maria, São Pedro e Matações, sendo essa a freguesia sede do concelho. Assim,

a freguesia da União de A-dos-Cunhados e Maceira apresenta um elevado nível de população estrangeira residente, o qual duplicou numa década, de 5% para 10%.

2.2. - Metodologia

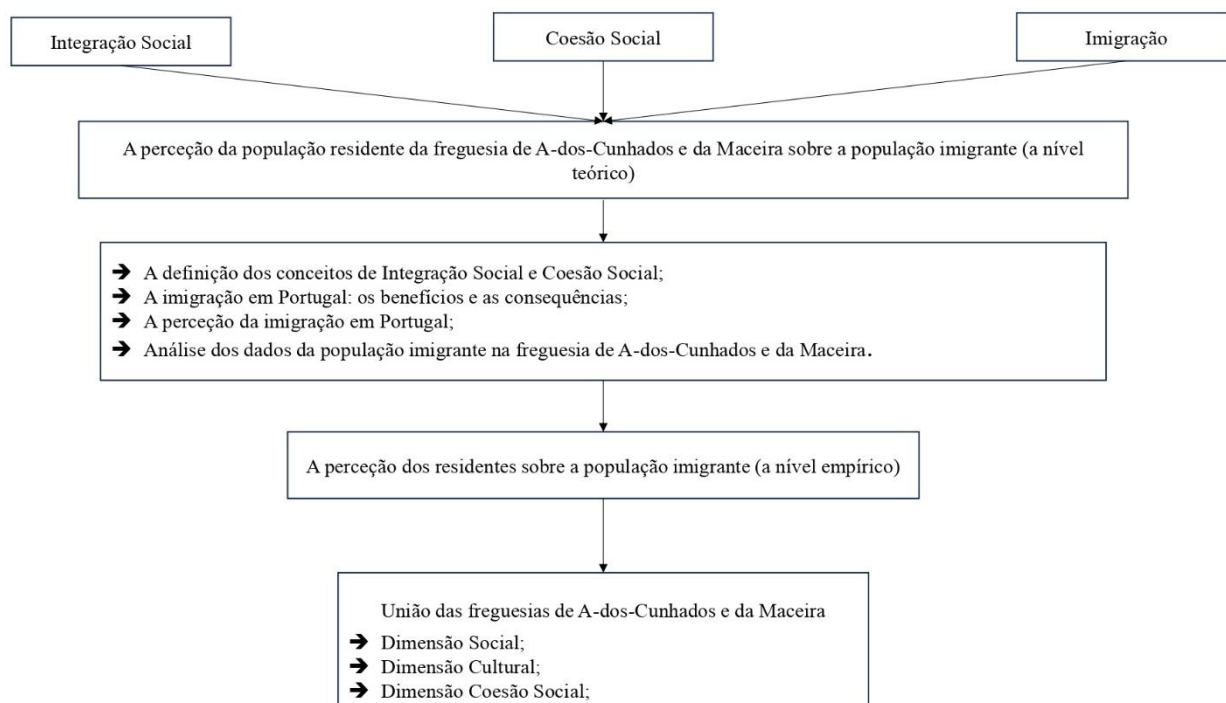
Estando os conceitos delineados para o presente estudo, respetivamente, integração social, coesão social e imigração, a presente investigação apresenta como questão orientadora do estudo: “Como é que a população residente na União da freguesia de A-dos-Cunhados e da Maceira percebe a população imigrante nessa localidade?”.

O que se traduz enquanto função de pesquisa, na tentativa de compreender e expor a percepção da população residente da freguesia de A-dos-Cunhados e da Maceira sobre a população imigrante na sua localidade, a nível social, cultural e no que diz respeito à coesão social.

Esta investigação será feita com base na operacionalização de Penninx & Garcés-Mascareñas (2016), sobre a integração social, com base em duas das cinco dimensões mencionadas, sendo essas a social e a cultural. Esta decisão provém dos objetivos do estudo e do reconhecimento de que as cinco dimensões podem ser estudadas separadamente, apesar de estarem interligadas,

De seguida, a coesão social será também estudada como um indicador, de forma, a perceber a relação entre estes três indicadores e determinar se a integração social, especificamente, as dimensões social e cultural, impactam a coesão social. Nesse sentido, foi realizado o seguinte quadro esquemático:

2.2.1. - Modelo de Análise



O objetivo inicial do estudo passava pela realização de entrevistas aos residentes da União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira, porém dois fatores contribuíram para a mudança do método e do instrumento de investigação. Primeiramente por razões de saúde que dificultaram a possibilidade de realizar as entrevistas, atrasando a investigação em campo. Segundo, pelo baixo nível de aderência que se verificou. Devido a estes fatores uma nova estratégia foi adotada e procedeu-se à utilização de um questionário online, que se comprovou ser o método mais indicado para objetivos delineados.

Para determinar a população que devia participar neste questionário, foi adotada o método similar do trabalho de Lopes et al. (2024), porém com as características idiossincráticas do presente estudo. Deste modo, a população em estudo tem de ser de nacionalidade portuguesa e falante da língua portuguesa, com 17 ou mais anos de idade e que seja residente da União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira.

O guião foi estruturado com o propósito de incluir perguntas de respostas abertas e fechadas, para permitir um método misto, através da junção do método quantitativo,

quando se trata de perguntas com a escala de Likert e qualitativo quando se pede uma resposta de justificação.

A inclusão de perguntas de resposta aberta, tem como propósito permitir, “aceder às representações dos sujeitos (quer se trate de opiniões, de aspirações ou de perceções)” (Ruquoy, 2005, p. 88), sem colocar limitações à expressão.

Para o questionário ter a participação desejada, foi adotado o método de bola de neve, e procurou-se respeitar as boas práticas de investigação, isto é, a participação com base na confidencialidade e no anonimato. Primeiramente, houve um contacto inicial com pessoas conhecidas pelo investigador da freguesia, pedindo a participação no inquérito e partilha do mesmo, tendo sempre em mente as restrições da população-alvo em estudo. De seguida, o investigador utilizou o Facebook, para entrar em contacto com os administradores de vários grupos da plataforma, que pertencem à freguesia de estudo. Entre esses grupos destacam-se pela sua participação, o grupo da “União de freguesias de a-dos-cunhados e Maceira”, bem como, “Maceira TVD”.

A participação no questionário decorreu de 5 a 18 de junho, tendo uma aderência total de 51 inquiridos. Este número relativamente baixo para um questionário deve-se por três razões, situacional, contextual e metodológica. Como foi explicado anteriormente, por razões de saúde, a possibilidade de iniciar o processo de investigação empírica teve de ser adiada. Para além disso, quando houve a oportunidade de iniciar a investigação em campo a baixa aderência às entrevistas, obrigou a mudança para um questionário, o que acabou por ser restritivo em termos de tempo. Por fim, com os resultados do questionário, sendo este de método misto, necessitando assim de uma análise mais cuidadosa das respostas de desenvolvimento, não se justificava uma aderência tão extensiva.

Para terminar, a investigação desde o seu momento conceptual esteve subordinado pelas regras da ética e os códigos deontológicos da investigação empírica. De acordo com Vieira et al. (2020), esta subordinação, implica também um respeito pelo código moral e uma conduta de boas práticas profissionais, ou seja, “os deveres dos investigadores e os direitos dos que participam na investigação” (Nunes, 2011, p. 183).

Capítulo 3 – Análise de Resultados

3.1. - Caracterização dos indivíduos

Na fase inicial do inquérito, realizara-se três perguntas para caracterizar os 51 inquiridos, sendo essas o sexo, a idade e há quanto tempo viviam na freguesia. Participaram 28 pessoas do sexo masculino (55%), 22 do sexo feminino (43%), sendo que meramente 1 pessoa não indicou o sexo (ver Anexo, Tabela 6 e Gráfico 1).

Ao agrupar as idades dos inquiridos em faixas etárias (ver Anexo, Tabela 7, Gráfico 2), respetivamente, jovem adulto, dos 17 a 29 anos; adultos, dos 30 a 64 anos; e idosos, de 65 a mais anos, podemos ter um melhor entendimento da idade dos inquiridos. A grande maioria pertence à faixa etária adulta, cerca de 63%, com os jovens adultos a representar a segunda maior força, com 29% e por fim, 8% de idosos.

Importante notar, que o inquirido mais idoso a participar no questionário tem 82 anos e o mais jovem 17 anos. Para além disso, uma análise detalhada dos dados revela que a idade média de resposta dos inquiridos é de 43 anos, a moda é de 26 anos e a mediana é de 44 anos.

Ao compararmos estes dois indicadores, o sexo e a idade (ver Anexo, Tabela 8), podemos verificar que nas duas primeiras faixas etárias os homens têm a maior percentagem comparado com as mulheres, tendo 9 jovens adultos e 17 adultos, comparado com as 6 jovens adultas e 14 adultas, respetivamente. Na faixa etária dos idosos vemos que os números são iguais para ambos, tendo cada um dois idosos a responder ao questionário.

Ao agrupar os anos a que os inquiridos vivem na União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira por classes (ver Anexo, Tabela 9), pode-se analisar de uma forma mais aprofundada e exata os dados da pergunta 1 “Há quantos anos vive na freguesia de A-dos-Cunhados?”. Deteta-se que a maior parte dos inquiridos vive de 21 a 30 anos na freguesia, representado 25.49%, de seguida as classes de 41 a 50 anos e de 11 a 20 anos ambas com 15.69%. A quarta maior classe é a de 1 a 10 anos com 21.57% e a situação dita anteriormente repete-se com a classe de 31 a 40 anos e 51 a 60 anos onde ambas possuem a mesma percentagem de 7,84%. Por fim, a classe de 61 a mais anos possui 5.88%.

Por último, ao comparar a idade dos inquiridos com a Pergunta 1 (ver Anexo, Tabela 10), duas classificações surgem dessa análise, os inquiridos considerados Naturais, residentes que viveram sempre na freguesia, e os Não-Naturais, não provenientes ou que se mudaram há um determinado tempo para a freguesia. Assim, entendemos que nos Naturais, existe uma percentagem similar entre os jovens adultos e os adultos, 46% e 42%, respetivamente, sendo que a faixa etária idosa representa 12%. Nos não-naturais a maior percentagem é dos adultos com 80%, de seguida os jovens adultos representa 12% e os idosos 8%.

3.2. - Dimensão Social

Na dimensão social, a Pergunta 2 “Tem algum tipo de interação com a população imigrante na sua localidade?” procura enquadrar se existe interação entre os inquiridos, isto é, os residentes da freguesia e os imigrantes. De seguida, a Pergunta 3 “Considera que é difícil interagir com os imigrantes?” e a pergunta adjacente, Pergunta 3.1 “Porquê?”, pretende contextualizar se é fácil ou não e justificar essa perspetiva, em relação à interação dos inquiridos com os imigrantes. Por fim, a Pergunta 4 “Na sua opinião, os imigrantes participam nas atividades sociais de A-dos-Cunhados?”, tenta enquadrar a interação dos imigrantes com os residentes da freguesia através de atividades sociais locais.

Na Pergunta 2 (ver Anexo, Tabela 11 e Gráfico 3), cerca de 31% dos inquiridos tem pouca interação com os imigrantes. No extremo, os inquiridos que não tem nenhuma interação representam, cerca de 27%, a mesma percentagem de respostas neutras. Os inquiridos com interação e imensa interação representam cerca de 8% e 6%, respetivamente.

Se agruparmos as respostas da existência de interação e da não interação, entendemos que o primeiro grupo mencionado representa apenas 14%, inferior à interação neutra que representa 27%, sendo ambas consideravelmente inferiores comparado com a não interação, pois esta representa a maioria dos resultados, cerca de 59%.

Na Pergunta 3 (ver Anexo, Tabela 12 e Gráfico 4), encontramos uma similaridade com os dados da Pergunta 2, pois cerca de 31% considera que é difícil, enquanto 28%

perspetiva que é muito difícil interagir com os imigrantes. A perspetiva neutra representa cerca de 24%. Por fim, cerca de 12%, é da opinião que é fácil interagir, enquanto 6% considera que é muito fácil.

Se aplicarmos a mesma lógica da análise anterior de criar grupos, sendo neste caso de inquiridos que consideram que é fácil e que consideram que é difícil, entendemos que a maioria dos inquiridos acredita que é difícil interagir com os imigrantes, cerca de 59%, enquanto 18% acredita que é fácil, sendo este grupo inferior da perspetiva neutra de 24%.

Nas respostas à Pergunta 3.1, (ver Anexo, B). Dimensão Social: Pergunta 3.1) entende-se que existe uma atitude maioritariamente de dificuldade de interação onde a barreira linguística é o fator predominante, sendo também mencionado a responsabilidade do imigrante de não conseguir comunicar com a população portuguesa. Os inquiridos referem, também, uma certa segregação autoimposta pelos imigrantes com o resto da comunidade, a falta de interação com a mesma, bem como, diferenças culturais.

No aspeto positivo da interação com os imigrantes, deve-se a fatores descritos como serem simpáticos e pacíficos, tendo um inquirido, especificado; que isso acontece, especialmente, quando os imigrantes estão em famílias. De uma interação baseada no inglês e um dos inquiridos, devido à interação constante com várias nacionalidades devido à sua profissão, admite ter uma atitude positiva face à interação com os imigrantes.

Na interação neutra, existe uma ênfase na barreira linguística que condiciona a interação e nas diferenças sociais e culturais. Salientam-se duas respostas dadas, sendo a primeira o reconhecimento dos imigrantes como essenciais para a força laboral, porém, condicionando o acesso à habitação, à saúde e à educação; e a segunda um inquirido que devido a interações com os imigrantes no seu antigo local de residência fora da freguesia, não encontra dificuldade na interação com esta população.

Para terminar, na Pergunta 4 (ver Anexo, Tabela 13 e Gráfico 5) nenhum dos inquiridos respondeu que os imigrantes participam totalmente nas atividades sociais da freguesia, no entanto, cerca de 47% considera que os imigrantes não participam de nenhuma forma nas atividades. De seguida, cerca de 29%, considera que os imigrantes não participam nas atividades sociais, e cerca de 18% tem uma perspetiva neutra sobre o

assunto. Apenas 6%, considera que os imigrantes participam nas atividades sociais da freguesia.

Assim, podemos observar que mais de três quartos dos inquiridos (77%), consideram que os imigrantes não participam nas atividades sociais da freguesia, enquanto 18% tem uma perspetiva neutra e meramente 6% considera que os imigrantes participam.

3.3. - Dimensão Cultural

Na dimensão cultural é importante analisar a perceção dos residentes da freguesia em termos da comparação das culturas entre os mesmos e os imigrantes, de modo a enquadrar este ponto na temática da integração e da coesão social na localidade em estudo.

Nesse sentido, colocaram-se quatro questões, com duas subsequentes, para breve desenvolvimento sobre a posição do inquirido. A pergunta 5 “Considera que existem diferenças culturais entre os imigrantes e os portugueses?”, tem por objetivo enquadrar a perceção dos inquiridos sobre o grau de diferença ou semelhança cultural entre estas duas populações. Em continuação da pergunta anterior, a seguinte procura que os inquiridos justifiquem a sua escolha, nomeadamente 5.1 “E quais são as principais diferenças”.

De seguida, a pergunta 6 “Acha que as diferenças culturais são aceites na sua comunidade?”, permite o inquirido expor a perceção sobre a capacidade de aceitação das diferenças culturais que surgem com a imigração na sua comunidade. Enquanto, a pergunta 7 “Na sua opinião, a diversidade cultural é um aspeto positivo ou negativo?”, pretende que o inquirido exponha a sua perceção sobre as diferenças culturais, permitindo uma subsequente justificação da sua posição, com a pergunta 7.1 “Porquê?”.

Por fim, a pergunta 8 “Considera que existe resistência por parte do imigrante para se integrar na cultura portuguesa?”, pretende mudar o foco sobre a perceção que os inquiridos têm de si e da sua comunidade, para a perceção dos imigrantes em termos da sua aceitação e integração na cultura portuguesa.

Na pergunta 5, (ver Anexo, Tabela 14 e Gráfico 6) observamos que mais de três quartos dos inquiridos percecionam que existem diferenças culturais entre os imigrantes e a os portugueses, pois cerca de 76.47% consideram que existe uma imensa diferença.

Em contraste, nenhum dos inquiridos respondeu que existe nenhuma ou até pouca diferença cultural entre estas duas populações. Na perspetiva neutra, cerca de 6% dos inquiridos responderam e comparado com a escala anterior, o triplo dos inquiridos, cerca de 18%, considera que existe diferenças culturais.

Entendemos, assim, que 94.12% dos inquiridos consideram que no mínimo existem diferenças culturais entre os imigrantes e os portugueses, sendo que a maior percentagem considera que essa diferença é imensa. Nenhum dos inquiridos considera que as diferenças culturais são nenhuma ou poucas e uma percentagem muito reduzida, comparado com a perceção das diferenças, em uma posição neutra sobre o assunto. Com o intuito de entender quais as maiores diferenças entre as populações, recorre-se aos dados da Pergunta 5.1.

Devido a ter sido uma pergunta aberta, onde se permitia os inquiridos desenvolverem, pelas suas palavras a sua opinião, inevitavelmente, surge respostas com um conteúdo extensivo, porém este mesmo pode ser resumido a 12 indicadores: cultura, social, religião, vestuário, língua, direitos das mulheres, educação, higiene, alimentação, outras e a não resposta.

Nesta estruturação das respostas o uso dos indicadores para resumir as respostas, bem como, do uso das respostas abertas, permite uma flexibilidade de análise e uma estruturação mais compreensível dos dados.

O indicador com mais peso nas respostas dos inquiridos (ver Anexo, Tabela 15), foi as diferenças culturais, com cerca de 28% das respostas, pois neste indicador engloba respostas que mencionam hábitos, costumes, tradições, entre outros. De seguida, as diferenças religiosas e sociais, possuem respostas próximas, representado cerca de 14% e 13%, respetivamente. As diferenças linguísticas são um outro ponto mencionado, representando cerca de 9% das respostas.

Os indicadores dos direitos das mulheres, da educação e da higiene têm uma percentagem similar, constituindo 6% cada uma das respostas dos inquiridos. Para terminar, a alimentação representa 5%, enquanto o vestuário 4%, a música 1% e as não respostas 2%.

O indicador “Outras”, representa as respostas que não se enquadram no resumo feito, devido à abrangência e generalização das respostas. Este ponto representa 4% das respostas e variam de mencionar que as principais diferenças são tudo, ou que são simplesmente diferentes, de diferenças dependendo da origem do imigrante e por fim, de objetivos e situações de vida diferente que representam as diferenças.

Para concluir, as diferenças culturais são importantes para determinar as principais diferenças entre os portugueses e os imigrantes, que apesar das diferenças religiosas serem ligeiramente mais significativas do que as diferenças sociais, são ambas importantes neste debate. O reconhecimento das diferenças e das barreiras linguísticas são de igual importância, mas num grau menor. Os direitos das mulheres, a educação e a higiene são fatores essenciais, mas relativamente baixos, e, por fim, a alimentação, o vestuário e até a música, são fatores importantes o suficiente para serem mencionados, mas numa escala comparativamente inferior.

Continuando a análise da dimensão para a Pergunta 6 (ver Anexo, Tabela 16 e Gráfico 6), destaca-se nas respostas dos inquiridos que ninguém respondeu que as diferenças culturais são aceites totalmente na comunidade. Porém as respostas que consideram que são nada aceites e que são aceites na comunidade, representam ambas 15.69%. A maioria das respostas tem uma atitude neutra em relação à pergunta, representando 35.29%, enquanto um terço das respostas percebe que as diferenças são pouco aceites na comunidade. Contudo, se compararmos os dados das respostas que consideram que as diferenças são nada ou pouco aceites, este grupo ultrapassa as respostas neutras, pois representam 49.02%.

Entendemos assim que nos extremos das respostas desta Pergunta 6, observamos uma clara atitude negativa, pois não houve nenhum inquirido que considerasse que as diferenças culturais são totalmente aceites pela comunidade. Contudo, nas respostas de carácter moderado, isto é, de serem aceites, no aspeto positivo, e de não serem parcialmente aceites pela comunidade, entendemos uma similaridade na perceção. Assim analisando individualmente as respostas dos inquiridos, entendemos que a maioria tem uma perspetiva neutra, porém na junção das respostas negativas e positivas, vemos uma

clara sobreposição da atitude negativa. Concluindo, que as diferenças culturais são maioritariamente não aceites.

Na pergunta 7 (ver Anexo, Tabela 17 e Gráfico 8), as respostas são maioritariamente neutras, representando cerca de 39%, enquanto as respostas que consideram as diferenças culturais positivas representam cerca de 22%. Por oposição, cerca de 16% consideram que as diferenças culturais constituem um aspeto negativo. Nas extremidades da escala, encontramos a mesma percentagem, ou seja, cerca de 12% consideram que as diferenças culturais são tanto um aspeto muito negativo, como muito positivo.

Se agruparmos os resultados da escala, entendemos que um terço dos inquiridos considera que as diferenças culturais são um aspeto no mínimo positivo, enquanto 27% considera que são no mínimo negativo. Porém, neste agrupamento ambas não superam a atitude neutra, que continua a ser maioritária.

No desenvolvimento das posições dos inquiridos, entendemos algumas similaridades entre as respostas nos vários grupos. No grupo com uma posição negativa, encontramos respostas que variam entre da falta de respeito que existe nos imigrantes em relação à cultura da população portuguesa, as diferenças inerentes entre estas duas populações, as dificuldades de interação e a falta de sentimento de segurança, especialmente, na população feminina. Em geral, as respostas sugerem que existem dificuldades na integração, impedindo haver interação, que as diferenças são perspetivadas como fator profundo para separação e o sentimento de insegurança e um afastamento dos próprios imigrantes da população e da cultura portuguesa.

As respostas com uma atitude positiva, apresentam uma perspetiva diferente, pois encaram a diversidade cultural como sendo um aspeto que beneficia o individuo e permite o crescer, para além disso, acreditam que beneficia a comunidade com a interação de culturas diferentes e cria aprendizagem entre as duas populações.

As respostas com uma natureza neutra, salientam a necessidade de participação mútua no processo de interação cultural, o enfatizar o aspeto de respeito das culturas e a necessidade de evitar barreiras para a integração e a interação.

Para terminar, na pergunta 8, (ver Anexo, Tabela 18 e Gráfico 8) verifica-se que um terço dos inquiridos acredita que existe uma resistência total do imigrante para se integrar na cultura portuguesa. Similar a este ponto, cerca de 31%, consideram que existe resistência. Em contraste, as respostas que indicam que o imigrante não tem nenhuma resistência ou pouca resistência, representam cerca de 8% cada uma, enquanto a posição neutra representa cerca de 20%.

Deste modo, cerca de 65%, sendo esta a junção das respostas que considera que existe no mínimo resistência, consideram que o imigrante não se pretende integrar na cultura portuguesa. Numa escala inferior, cerca de 16%, consideram que existe pouca ou nenhuma resistência por parte do imigrante, sendo a união destas duas respostas, inferior mesmo assim, à posição neutra de cerca 20%.

3.4. - Coesão Social

Nesta última dimensão de análise, da coesão social, três perguntas foram colocadas, a Pergunta 9 “Na sua opinião, o imigrante aumenta ou diminui o sentimento de comunidade na sua localidade?”, pretende que o inquirido considere se o imigrante é um contributo ou não para a comunidade. De seguida, a Pergunta 9.1 “Porquê?”, pretende que o inquirido contextualize a sua opinião relativamente à pergunta anterior. Por fim, a Pergunta 10 “Se tivesse de descrever numa palavra a relação entre o imigrante e a comunidade da sua localidade, qual seria?”, procura sumarizar a atitude do inquirido face à população imigrante na sua comunidade.

Na pergunta 9 (ver Anexo, Tabela 19 e Gráfico 9), mais de dois terços dos inquiridos, cerca de 69%, consideram que os imigrantes diminuem o sentimento de comunidade na freguesia, enquanto meramente 12%, são da opinião que aumenta o sentimento. Esta última posição, é do menor que a perspetiva que considera que os imigrantes não têm impacto na comunidade, sendo esta cerca de 20%.

Numa análise mais profunda das perspetivas dos inquiridos na Pergunta 9, observamos que parte das justificações do porque de haver um aumento do sentimento de comunidade, deve-se a união da comunidade por oposição à imigração. Menciona-se fatores como a oposição aos imigrantes, o medo da perda cultural e o aumento do racismo e xenofobia com razões para este tipo de aumento do sentimento de comunidade.

Na perspetiva que o imigrante diminui o sentimento de comunidade, as respostas dos inquiridos devem-se ao medo que sentem e a insegurança com a população imigrante na sua localidade. As diferenças persistentes, bem como, as diferenças culturais e a ênfase na palavra estranho ao referirem-se aos imigrantes nas respostas. Para terminar, a perspetiva da falta de interação dos imigrantes com a população e a sua própria segregação da comunidade. Em contraste com esta perspetiva, existem duas respostas que são pertinentes mencionar, sendo a primeira que a perda de identidade não está só relacionada com os imigrantes, mas sim com o êxodo das pessoas da localidade, e a segunda a exploração da população imigrante por parte dos portugueses.

Por fim, na perspetiva dos que consideram que o imigrante não tem nenhum impacto na comunidade, referem a falta de integração e a segregação dos imigrantes da comunidade. Para este grupo, como os imigrantes não interagem e estão nas suas próprias comunidades, não existe um efeito positivo, nem negativo. Contudo, existe um inquirido que entende a temática da separação destas duas populações como responsabilidade não do imigrante, mas sim da comunidade. Um outro inquirido considera que é a própria comunidade que se fecha de pessoas de fora, sejam elas vindas de outros países, como os imigrantes, ou vindas de outras localidades, como Lisboa.

Na última pergunta, sendo essa a Pergunta 10, (ver Anexo, Tabela 20 e Gráfico 10), as respostas dadas pelos inquiridos conseguem ser resumidas em quatro tipos de respostas: positiva, negativa, indiferenças e não responde. Deste modo, este método pode facilitar a análise das respostas dadas. Assim, observou-se que a maioria das respostas pertencem à classificação negativa, cerca de 59%. As respostas com uma perspetiva positiva representam, cerca de 26%, enquanto as respostas que demonstram indiferença, bem como, os inquiridos que não respondem, representam cada uma, cerca de 8%.

Na perspetiva positiva, é enfatizado o ponto do trabalho, isto é, um inquirido menciona o papel do imigrante na indústria e na força de trabalho rural, bem como, outras respostas que enfatizam o trabalho e o interesse económico como ponto importante. Os inquiridos admitem, também, a coexistência, a coabitação, a relação serena, de tolerância e positiva entre o imigrante a comunidade da freguesia. Contudo, um dos inquiridos

afirma que existe aceitação dos imigrantes, mas também que existe um receio e intimidação em alguns momentos.

No aspeto negativo, são mencionados como motivos para uma relação negativa entre o imigrante e a comunidade a desconfiança, o medo e o receio, a estranheza, a diferença e insegurança. Contudo, dois inquiridos mencionam que apesar de ser uma relação negativa, um deles afirma que se deve à segregação que existe, onde admite com infelicidade essa perspetiva e o outro inquirido é da falta de aceitação do imigrante por alguns membros da comunidade.

3.5. - Análise comparativa dos dados

Neste último ponto, pretende-se sintetizar a análise feita da dimensão social, cultural e da coesão social, permitindo reunir os dados obtidos para criar uma breve narrativa clara e empírica das respostas dadas pelos inquiridos.

Os inquiridos maioritariamente não interagem com os imigrantes, uma vez que consideram que é difícil interagir com os mesmos, justificando que as barreiras linguísticas e as diferenças sociais e culturais, sendo estes dois pontos perspetivados como responsabilidades dos imigrantes, são a causa pela falta de interação. Em adição consideram ainda que os imigrantes não participam nas atividades sociais. É importante mencionar, que nesta análise as respostas tidas como positivas face ao imigrante apresentam continuamente números inferiores. Ou seja, é baixa a perceção de que existe interação, de que essa interação seja fácil e que os imigrantes participam nas atividades sociais.

A grande maioria dos inquiridos, cerca de 94%, perspetiva que existem diferenças culturais entre os imigrantes e os portugueses, e afirma que as diferenças culturais, religiosas e sociais são as principais razões das dualidades entre estas duas populações, tendo um papel importante também as barreiras linguísticas.

Para além disso pode-se inferir que a perceção dos inquiridos tende a considerar que as diferenças culturais na comunidade não são aceites. Em contrapartida, numa perspetiva individual (relativa à diversidade cultural), as respostas assumem um tom neutro de posicionamento, seguindo-se de uma perceção da diversidade como positiva.

Este posicionamento parece colocar a questão da aceitação da diversidade cultural como um problema do grupo (do outro) e não do indivíduo (de si).

Para terminar, a maioria dos inquiridos perceciona uma resistência por parte dos imigrantes a integrarem-se na cultura portuguesa, que diminuem o sentimento de comunidade, sendo isto relacionado com as diferenças culturais e a falta de interação, uma responsabilidade que atribuem aos imigrantes. Em acréscimo, grande parte dos inquiridos considera, ainda, que a relação entre os residentes na freguesia e os imigrantes é predominantemente negativa.

Discussão Final, Contributos, Investigações Futuras

A integração social é um processo que ocorre, pelo menos, com dois atores sociais, o imigrante e a sociedade de acolhimento, onde através da interação permite haver uma trajetória do imigrante nesta nova sociedade. Esta trajetória realiza-se em cinco dimensões, a estrutural, a social, a cultural, a cívica e política e a da identidade, para permitir haver uma inserção positiva do imigrante na sociedade do país de destino. Ao existir uma inserção positiva, este processo cria uma coesão social, sendo caracterizado por um sentimento de comunidade, de confiança entre membros e a procura do bem comum. Na sua essência, o não conflito dentro de um grupo ou comunidade.

A imigração em Portugal apresenta vários benefícios para o país, sendo um consenso académico, os benefícios demográficos ao combater o duplo envelhecimento e a emigração, bem como, os benefícios económicos na participação no mercado laboral nos setores de turismo e da agricultura. Tendo esta população crescido exponencialmente nesta última década. Porém, a perceção tida pelos portugueses da população imigrante é predominantemente negativa, segundo Lopes et al. (2024).

Vários fatores contribuem para essa perceção, sendo essa a ideia da distinção existente entre os portugueses e os imigrantes, bem como, as diferenças culturais e sociais, o sentimento de insegurança e as dificuldades que apresentam no mercado de trabalho.

Na União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira, vemos um crescimento na última década da população imigrante e que na análise empírica detetamos uma atitude maioritariamente negativa sobre a população imigrante. Com uma fraca ou até nenhuma interação com a população imigrante, um enfase claro na diferenciação cultural entre a população residente e imigrante, sendo mencionado ao longo da investigação as barreiras linguísticas, a auto segregação dos imigrantes, as diferenças culturais, sociais e religiosas, e a responsabilidade dos imigrantes na interação e integração na comunidade.

Para além disso, identifica-se nos resultados obtidos que a perceção dos residentes é que o imigrante não se quer integrar na cultura portuguesa, que diminuem o sentimento de comunidade ou quando aumentam, em parte esse aumento deve-se à união da comunidade através da oposição ao imigrante.

Em suma, podemos afirmar que a perspetiva nacional no texto de Lopes et al. (2024), está representada na freguesia em estudo, isto é, predominantemente negativa. A população residente em A-dos-Cunhados e Maceira manifestou haver uma fraca integração social dos imigrantes, nas dimensões culturais e sociais e uma fraca coesão social. Este ponto traduz-se numa erosão social de comunidade que engloba os imigrantes e os residentes, sendo percecionado pelos locais que os próprios imigrantes diminuem o sentimento de comunidade na freguesia.

O presente trabalho é uma exploração inicial da temática da perceção sobre a população imigrante em Portugal. Trata-se de um estudo micro e local, onde o foco é numa população-alvo específica, de uma localidade considerada como uma área predominantemente rural, mas com uma população de uma área considerada urbana.

Apesar de existirem investigações a nível europeu sobre a perceção da imigração como de Sobón & Pietruniak (2019) e Irastorza & Yavcan (2024), em Portugal, o texto de Lopes et al. (2024) destaca-se como um estudo recente e atualizado sobre a perceção dos portugueses em relação à imigração. Porém, não se teve conhecimento de estudos feitos na União das freguesias de A-dos-Cunhados e da Maceira.

Como o estudo nesta localização é recente, mais estudos na área iriam enriquecer o conteúdo empírico e teórico do presente trabalho. Estudos que procuram investigar a perceção dos imigrantes sobre a população residente da freguesia seria uma excelente forma de comparar os dados. Outros estudos realizados com o mesmo intuito desta investigação, nas várias freguesias do concelho, reforçariam, também, o presente trabalho.

Um estudo a nível político das políticas de integração e coesão social seria igualmente de tremendo interesse, pois uma investigação que abrangesse os ramos políticos locais, seja a nível da câmara municipal ou das juntas de freguesia, seria valioso para complementar este trabalho. Em acréscimo, uma análise das outras três dimensões da integração social, sendo essas a cívica e política, a estrutural e a de identidade, seriam importantes.

Por fim, uma investigação que procurasse analisar a perceção dos inquiridos da freguesia em estudo e também de outras, a nível da nacionalidade dos imigrantes ou por grupos, como foi realizado por Lopes et al. (2024), complementar e contextualizava as perceções sobre a imigração da população de A-dos-Cunhados e da Maceira.

Estes pontos representam a ideia inerente da presente investigação, sendo essa que este estudo é uma peça num puzzle muito maior da perceção da população portuguesa sobre a imigração e da própria imigração em Portugal, onde as mesmas ideias podem ser reproduzidas para outras localizações, por exemplo, nas áreas metropolitanas, no Alentejo e no Algarve, bem como, no interior do país.

Referências

- AIMA (2024). *Relatório de Migrações e Asilo 2023*. Lisboa: AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo.
- Bloemraad, I., Esses, V., Kymlicka, W., & Zhou, Y. (2023). Unpacking immigrant integration: Concepts, mechanisms, and context. *World Development Report 2023: Migrants, Refugees, and Societies*.
- Câmara Municipal de Torres Vedras. União das freguesias de A-dos-Cunhados e Maceira. [Em linha]. Disponível em: <https://www.cm-tvedras.pt/freguesias/a-dos-cunhados-maceira> (Acesso em: 2025/04/16)
- Chan, J., To, H. & Chan, E. (2006). Reconsidering Social Cohesion: Developing a Definition and Analytical Framework for Empirical Research. *Soc. Indic. Res.* , 75 (1), pp. 273-302. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-2118-1>.
- Costa, A. (2023). Uma Análise da discriminação de imigrantes brasileiros em Portugal. In: Silva, E. & Casimiro, C. (Eds). *Migrações, Famílias e Desigualdades*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp 53-82;
- Diogo, E. (2024). Retaining Non-EU Immigrants in Rural Areas to Sustain Depopulated Regions: Motives to Remain. *Societies*, 14 (25), pp. 1-15.
- Dragolov, G., Ignácz, Z.S., Lorenz, J., Delhey, J., Boehnke, K. & Unzicker, K. (Eds.). (2016). *Social Cohesion in the Western World*. Springer International Publishing: Cham, Switzerland.
- Eurostat. (2025). *EU population diversity by citizenship and country of birth*. Eurostat.
- Ferreira, P. (2017). *Migrações e Desenvolvimento*. Fundação Fé e Cooperação, Lisboa.
- Ferreira, V. (2021). *Imigração e Portugal: Integração, Cidadania e Interculturalidade*. Dissertação de Mestrado de Sociologia. Portugal: Universidade do Minho.
- Fonseca, X., Lukosch, S. & Brazier, F. (2018). Social cohesion revisited: A new definition and how to characterize it, *Innovation: The European Journal of Social Sciences Research*; 32(2), pp. 231-253, DOI: 10.1080/13511610.2018.1497480.

Góis, P., Abecasis, F., Alfaiate, J., & Hancock, M. (2019). *Casa Comum, Migrações e Desenvolvimento em Portugal*. Cáritas Portuguesa, Lisboa.

Holloway, K., & Sturridge, C. (2022). Understanding social cohesion. In *Social cohesion in displacement: The state of play*, pp. 9–16.

INE. (2024). Estimates of Resident Population in Portugal 2023. Press release, Portugal: INE.

INE. (2014). Folha Informativa da RIIBES. Instituto Nacional de Estatísticas.

Irastorza, N. & Yavcan, B. (2024). Public opinions and policy impact on integration and social cohesion. *Comparative working paper D6.2*. Malmö University, Migration Policy Group, Collegio Carlo Alberto, University for Continuing Education Krems and Technische Universität Chemnitz.

Larsen, C. (2014). *Social cohesion: Definition, measurement and developments*. Centre for Comparative Welfare Studies.

Lopes, R., António, J. & Góis, P. (2024). *Barómetro da Imigração, a perspetiva dos portugueses*. Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Machado, R. (2022). *Espaços rurais vs. Espaços urbanos: O conhecimento dos alunos de geografia do oitavo ano do ensino básico em diferentes contextos geográficos e socioeconómicos*. Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Portugal: Faculdades Letras, Universidade do Porto.

Ministério da Administração Interna. (2025). Eleições Legislativas 18 de maio de 2025. [Em linha]. Disponível em: <https://www.legislativas2025.mai.gov.pt/resultados/globais> (Acesso em: 2025/03/29).

Ministério da Administração Interna. (2024). Eleições Legislativas 10 de março de 2024. [Em linha]. Disponível em: <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2024/resultados/globais> (Acesso em: 2025/03/29).

- Moustakas, L. (2023). Social Cohesion: Definitions, Causes and Consequences. In: McAleer, M., Chang, C., & Franses, P. (Eds.). *Encyclopedia of Social Sciences*, pp. 1028-1037.
- Nunes, J. (2011). Sobre a ética (e a política) da investigação social em saúde. *Sociologia On line*, (3), pp. 167-188.
- Oliveira, C. (2023). Imigrantes em Portugal: entre sucessos de inclusão e desigualdades sociais e económicas. In: Silva, E. & Casimiro, C. (Eds.). *Migrações, Famílias e Desigualdades*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp. 18-52.
- Penninx & Garcés-Mascareñas. (Eds.). (2016). *Integration Process and Policies in Europe: Contexts, Levels and Actors*. IMISCOE Research Series.
- Pires, P., Pereira, C. & Ortiz, A. (2023). *Imigração. IN: Mamede, R. (Ed.), O Estado na nação e as políticas públicas 2023: Reformas estruturais*. Lisboa: IPPSIscite. pp 54-59.
- Quintino, A. (2018). *Efeitos demográficos e económicos das migrações em Portugal: o caso da Segurança Social*. Mestrado em Matemática Aplicada à Economia e Gestão. Departamento de Estatísticas e Investigação Operacional, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.
- Sagar, S., Sommerville, W., Ford, R., & Sobolewska, M. (2012). *The Impacts of Migration on Social Cohesion and Integration*. University of Manchester Research.
- Spencer, S. (2022). The Contested Concept of ‘Integration’. In: Scholten, P. (Ed.). *Introduction to Migration Studies: An Interactive Guide to the Literatures on Migration and Diversity*. IMISCOE Research Series, pp. 219-232.
- Sobón, A. & Pietruniak, M. (2019). Public Perception of Immigration. *Kwartalnik Bellona*, 1(696), pp. 31-41.
- Ruquoy, D. (2005). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: Albarello, L. Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, R. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva, pp. 84-116.
- Vieira, M., Diogo, A. & Marques, A. (2020). Ética e Deontologia no Exercício da Sociologia. *Sociologia On Line*, (23), pp. 31-50.

Anexos

Tabela 1 – Município de Torres Vedras: População Residente Total, por freguesia, 2011-2021

Freguesia	População Residente Total			
	2011		2021	
	Nº Hab.	% no Total do Município	Nº Hab.	% no Total do Município
A-dos-Cunhados e Maceira	10391	13,1	11568	13,9
Campelos e Outeiro da Cabeça	3667	4,6	3795	4,6
Carvoeira e Camões	2414	3,0	2200	2,6
Dois Portos e Runa	3128	3,9	2787	3,4
Freiria	2461	3,1	2436	2,9
Maxial e Monte Redondo	3546	4,5	3222	3,9
Ponte do Rol	2444	3,1	2547	3,1
Ramalhal	3472	4,4	3631	4,4
Santa Maria, São Pedro e Matacães	25717	32,4	27780	33,4
São Pedro da Cadeira	5077	6,4	5217	6,3
Silveira	8530	10,7	9332	11,2
Turcifal	3342	4,2	359	4,3
Ventosa	5276	6,6	4966	6,0
Município	79465	100,0	83072	100,0

Fonte: Site da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2025

Tabela 2 – Município de Torres Vedras: Densidade Populacional, por freguesia, 2011-2021

Freguesia	Densidade Populacional (Nº Hab/Km²)	
	2011	2021
A-dos-Cunhados e Maceira	197	219
Campelos e Outeiro da Cabeça	122	127
Carvoeira e Camões	115	105
Dois Portos e Runa	72	64
Freiria	183	181
Maxial e Monte Redondo	92	84
Ponte do Rol	253	263
Ramalhal	94	99
Santa Maria, São Pedro e Matacães	412	445
São Pedro da Cadeira	213	219
Silveira	342	374
Turcifal	135	145
Ventosa	203	191
Município	195	204

Fonte: Site da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2025

Tabela 3 – Município de Torres Vedras: Crescimento da População Residente Total, por freguesia, 2011-2021

Freguesia	Crescimento da população residente total	
	2011-2021	
	Nº Hab.	%
A-dos-Cunhados e Maceira	1177	11,3
Campelos e Outeiro da Cabeça	128	3,5
Carvoeira e Camões	-214	-8,9
Dois Portos e Runa	-341	-10,9
Freiria	-25	-1,0
Maxial e Monte Redondo	-324	-9,1
Ponte do Rol	103	4,2
Ramalhal	159	4,6
Santa Maria, São Pedro e Matacães	2063	8,0
São Pedro da Cadeira	140	2,8
Silveira	802	9,4
Turcifal	249	7,5
Ventosa	-310	-5,9
Município	3607	4,5

Fonte: Site da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2025

Figura 4 - Município de Torres Vedras: População Residente Segunda a Nacionalidade, por freguesia, 2011-2021

Freguesia	População residente segunda a nacionalidade					
	Total		Portuguesa		Estrangeira	
	2011	2021	2011	2021	2011	2021
A-dos-Cunhados e Maceira	10391	11568	9871	10403	520	1165
Campelos e Outeiro da Cabeça	3667	3795	3549	3546	118	249
Carvoeira e Camões	2414	2200	2350	2147	64	53
Dois Portos e Runa	3128	2787	3044	2735	84	52
Freiria	2461	2436	2382	2330	79	106
Maxial e Monte Redondo	3546	3222	3486	3139	60	83
Ponte do Rol	2444	2547	2339	2386	105	161
Ramalhal	3472	3631	3290	3288	182	343
Santa Maria, São Pedro e Matacães	25717	27780	24631	26104	1085	1676
São Pedro da Cadeira	5077	5217	4915	5061	162	156
Silveira	8530	9332	7989	8726	541	606
Turcifal	3342	359	3268	3413	74	178
Ventosa	5276	4966	5125	4801	151	165
Município	79465	83072	76239	78079	3225	4993

Fonte: Site da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2025

Tabela 5 – Município de Torres Vedras: Crescimento da População Residente Segundo a Nacionalidade, por freguesia, 2011-2021

Freguesia	Crescimento da população residente segundo a nacionalidade, 2011-2021					
	Total		Portuguesa		Estrangeira	
	Nº Hab	%	Nº Hab	%	Nº Hab	%
A-dos-Cunhados e Maceira	1177	11,3	532	5,4	645	124
Campelos e Outeiro da Cabeça	128	3,5	-3	-0,1	131	111
Carvoeira e Camões	-214	-8,9	-203	-8,6	-11	-17,2
Dois Portos e Runa	-341	-10,9	-309	-10,2	-32	-38,1
Freiria	-25	-1,0	-52	-2,2	27	34,2
Maxial e Monte Redondo	-324	-9,1	-347	-10	23	38,3
Ponte do Rol	103	4,2	47	2	56	53,3
Ramalhal	159	4,6	-2	-0,1	161	88,5
Santa Maria, São Pedro e Matacães	2063	8,0	1473	6	591	54,5
São Pedro da Cadeira	140	2,8	146	3	-6	-3,7
Silveira	802	9,4	737	9,2	65	12
Turcifal	249	7,5	145	4,4	104	140,5
Ventosa	-310	-5,9	-324	-6,3	14	9,3
Município	3607	4,5	1840	2,4	1768	54,8

Fonte: Site da Câmara Municipal de Torres Vedras, 2025

Tabela 6 – Questionário: Respostas Sexo

Sexo		
	Nº	%
Masculino	28	54,9
Feminino	22	43,1
Prefiro não partilhar	1	2,0
Total	51	100

Tabela 7 – Questionário: Respostas Idade

Idade		
Classe	Nº	%
Jovem Adulto (17 a 29 anos)	15	29,4
Adulto (30 a 64 anos)	32	62,7
Idoso (65+ anos)	4	7,8
Total	51	100

Tabela 8 – Questionário: Comparação das respostas de Sexo e Idade

Idade	Sexo			
	M	F	Prefiro não partilhar	Total
Classe	Nº	Nº	Nº	Nº
Jovem Adulto (17 a 29 anos)	9	6	0	15
Adulto (30 a 64 anos)	17	14	1	32
Idoso (65+ anos)	2	2	0	4
Total	28	22	1	51

Tabela 9 – Questionário: Pergunta 1

Pergunta 1		
Classe	Nº	%
1 a 10 anos	11	21,57
11 a 20 anos	8	15,69
21 a 30 anos	13	25,49
31 a 40 anos	4	7,84
41 a 50 anos	8	15,69
51 a 60 anos	4	7,84
61+ anos	3	5,88
Total	51	100,00

Tabela 10 – Questionário: Comparação das respostas da Pergunta 1 com a Idade

Comparação da Pergunta 1 com a Idade				
Classe	Natural		Não-natural	
	Nº	%	Nº	%
Jovem Adulto (17 a 29 anos)	12	46	3	12
Adulto (30 a 64 anos)	11	42	20	80
Idoso (65+ anos)	3	12	2	8
Total	26	100	25	100

Tabela 11 – Questionário: Pergunta 2

Pergunta 2		
Escala	Nº	%
1	14	27,45
2	16	31,37
3	14	27,45
4	4	7,84
5	3	5,88
Total	51	100

Tabela 12 – Questionário: Pergunta 3

Pergunta 3		
Escala	Nº	%
1	14	27,45
2	16	31,37
3	12	23,53
4	6	11,76
5	3	5,88
Total	51	100

Tabela 13 – Questionário: Pergunta 4

Pergunta 4		
Escala	Nº	%
1	24	47,06
2	15	29,41
3	9	17,65
4	3	5,88
5	0	0,00
Total	51	100

Tabela 14 – Questionário: Pergunta 5

Pergunta 5		
Escala	Nº	%
1	0	0,00
2	0	0,00
3	3	5,88
4	9	17,65
5	39	76,47
Total	51	100

Tabela 15 – Questionário: Pergunta 5.1

Pergunta 5.1		
Indicadores	Nº	%
Cultura	27	28,42
Religião	13	13,68
Social	12	12,63
Língua	9	9,47
Direitos da mulher	6	6,32
Educação	6	6,32
Higiene	6	6,32
Alimentação	5	5,26
Vestuário	4	4,21
Música	1	1,05
Outras	4	4,21
Não responde	2	2,11
Total	95	100

Tabela 16 – Questionário: Pergunta 6

Pergunta 6		
Escala	Nº	%
1	8	15,69
2	17	33,33
3	18	35,29
4	8	15,69
5	0	0,00
Total	51	100

Tabela 17 – Questionário: Pergunta 7

Pergunta 7		
Escala	Nº	%
1	6	11,76
2	8	15,69
3	20	39,22
4	11	21,57
5	6	11,76
Total	51	100

Tabela 18 – Questionário: Pergunta 8

Pergunta 8		
Escala	Nº	%
1	4	7,84
2	4	7,84
3	10	19,61
4	16	31,37
5	17	33,33
Total	51	100

Tabela 19 – Questionário: Pergunta 9

Pergunta 9		
Escala	Nº	%
Aumenta	6	11,76
Diminui	35	68,63
N/ tem impacto	10	19,61
Total	51	100,00

Tabela 20 – Questionário: Pergunta 10

Pergunta 10		
Escala	N	%
Positiva	13	25,49
Negativa	30	58,82
Indiferente	4	7,84
Não responde	4	7,84
Total	51	100

Gráfico 1 – Questionário: Sexo

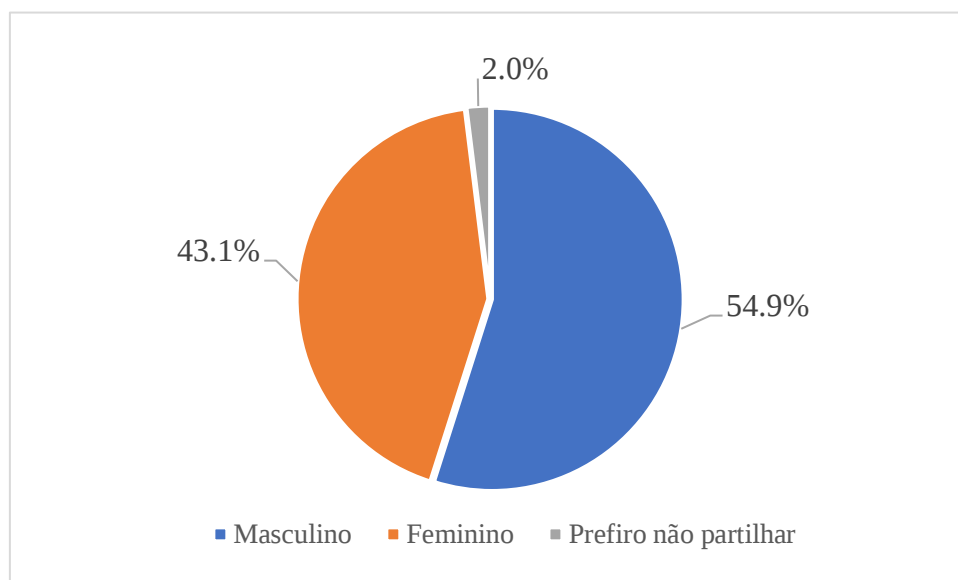


Gráfico 2 – Questionário: Idade

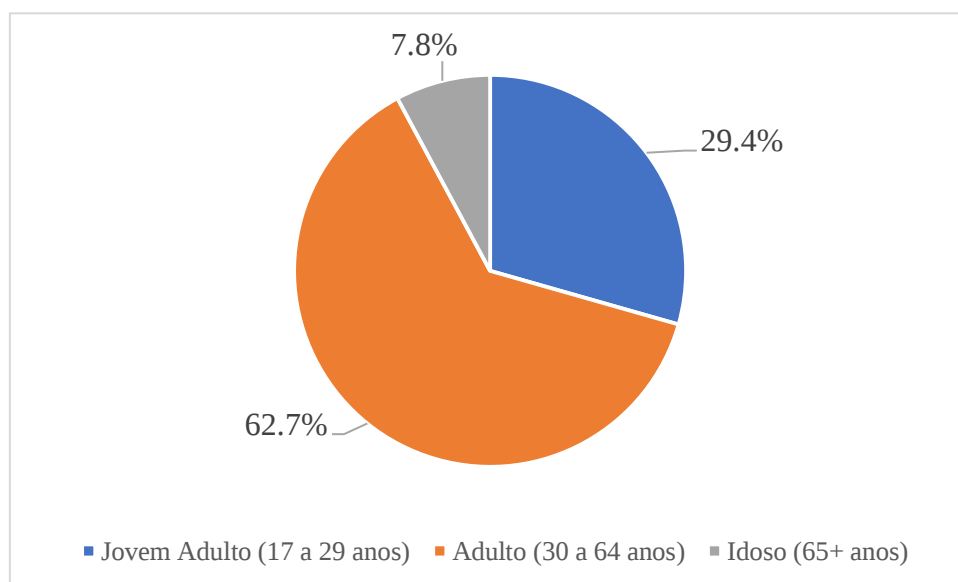


Gráfico 3 – Questionário: Pergunta 2

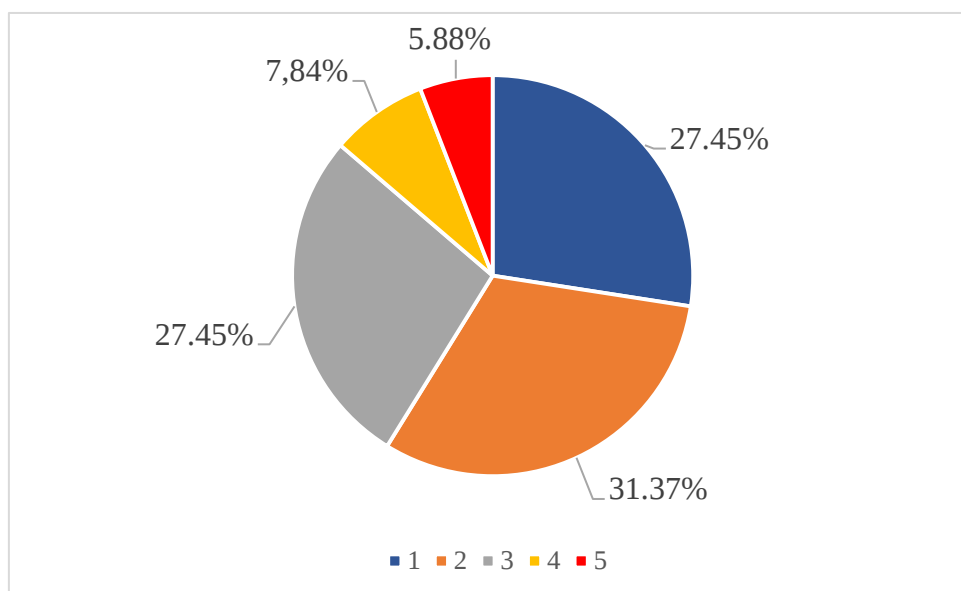


Gráfico 4 – Questionário: Pergunta 3

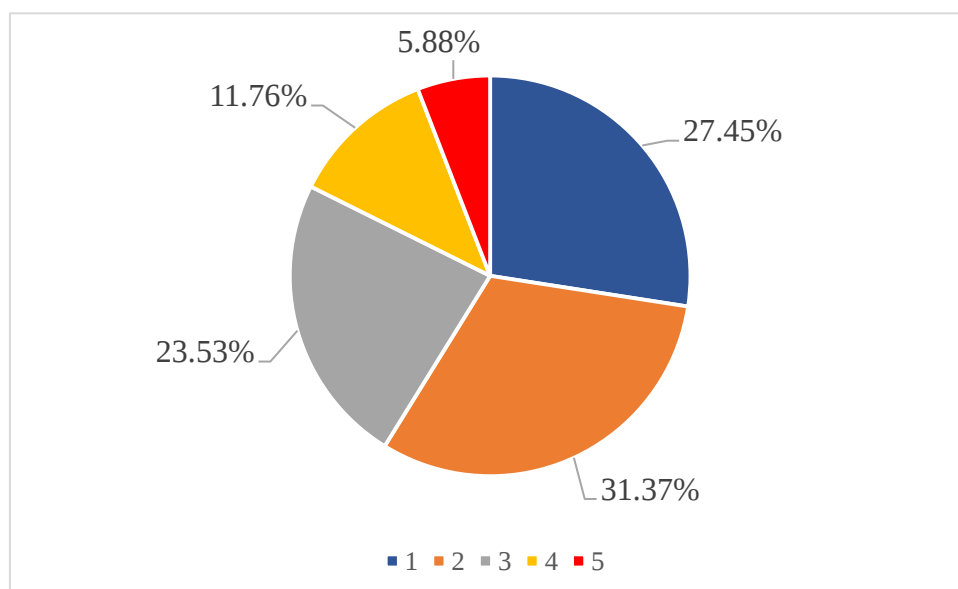


Gráfico 5 – Questionário: Pergunta 4

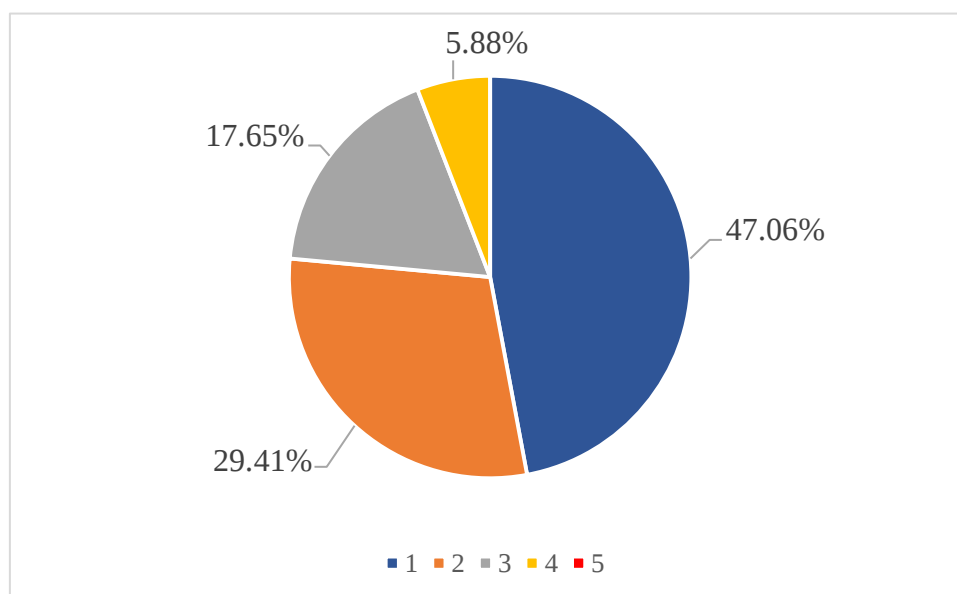


Gráfico 6- Questionário: Pergunta 5

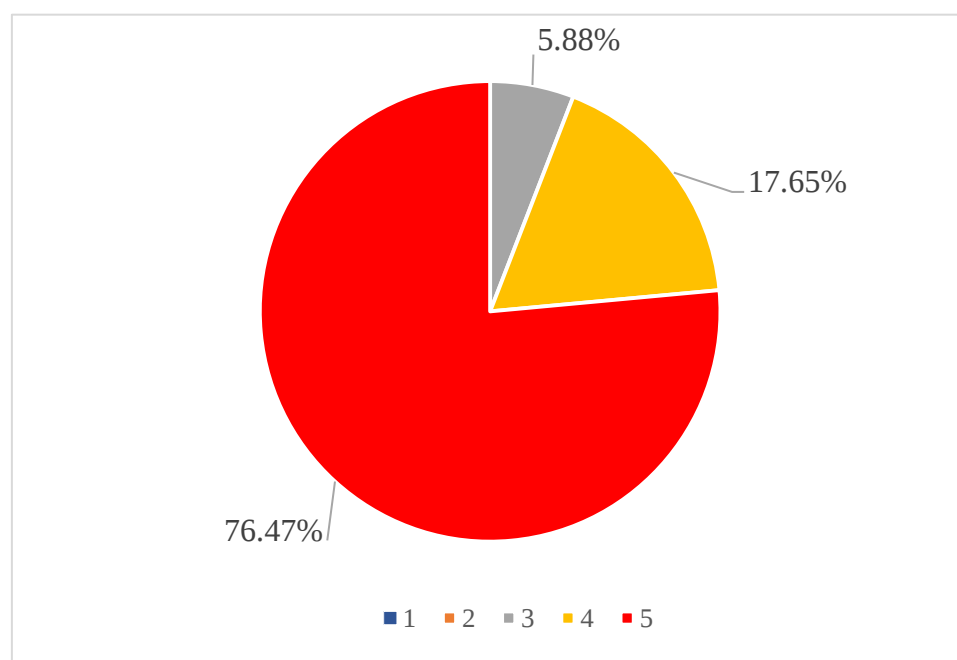


Gráfico 7 – Questionário: Pergunta 6

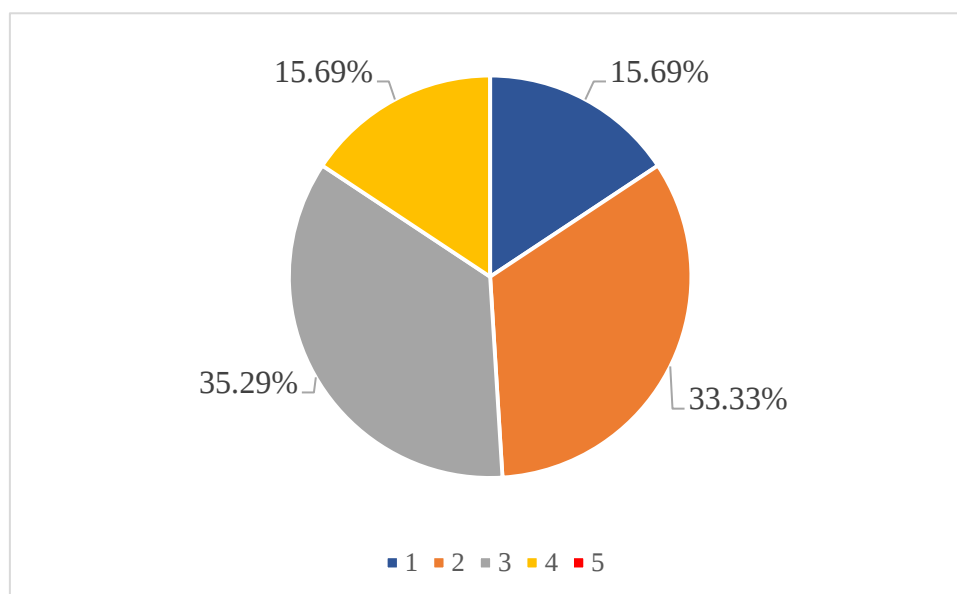


Gráfico 8 – Questionário: Pergunta 7

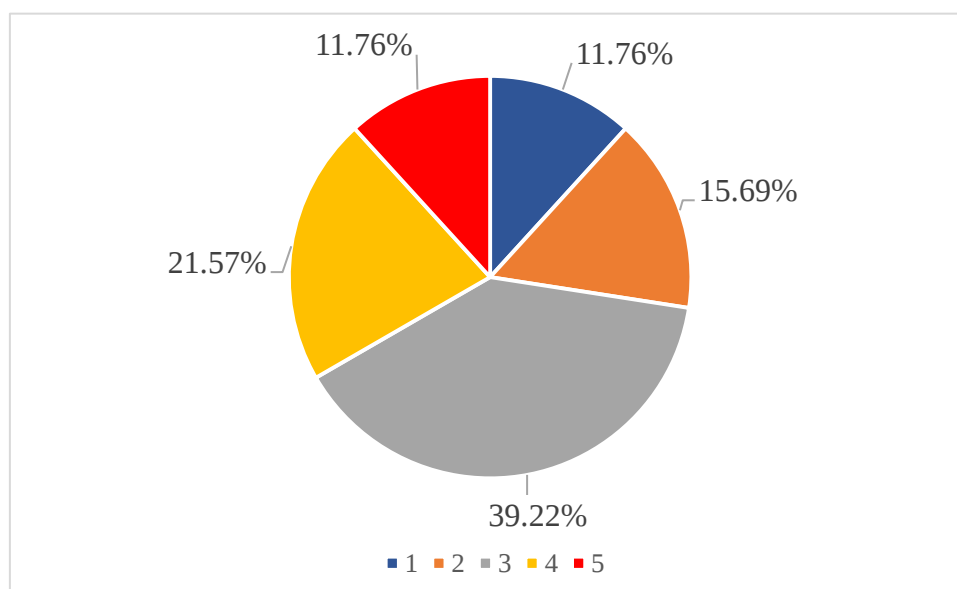


Gráfico 9 – Questionário: Pergunta 8

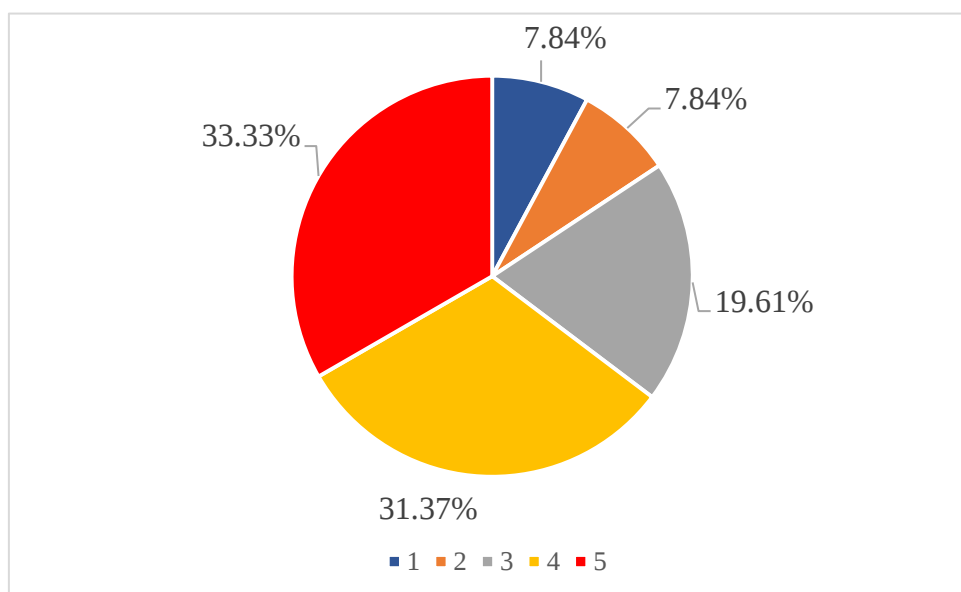


Gráfico 10 – Questionário: Pergunta 9

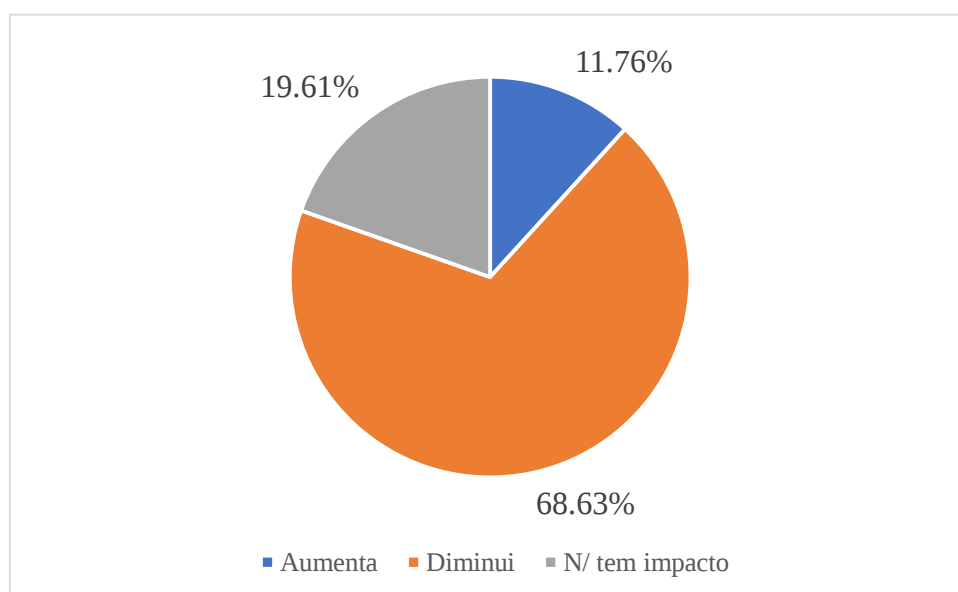
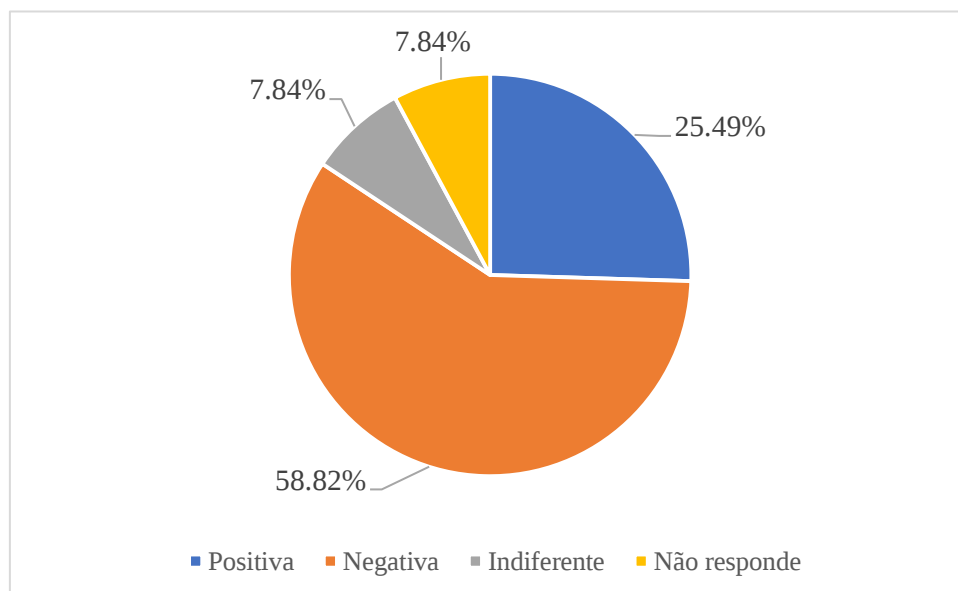


Gráfico 11 – Questionário: Pergunta 10



Guião do Questionário

A). Caracterização do indivíduo

Sexo:

Idade:

1). Há quanto tempo vive em A-dos-Cunhados?

B). Dimensão Social

2). Tem algum tipo de interação com a população imigrante na sua localidade?

1 (Nenhuma)	2	3	4	5 (Imensa)

3). Considera que é difícil interagir com os imigrantes?

1 (Nada Fácil)	2	3	4	5 (Muito Fácil)

3.1). E porquê?

4). Na sua opinião, os imigrantes participam nas atividades sociais de A-dos-Cunhados?

1 (Nada)	2	3	4	5 (Imenso)

C). Dimensão Cultural

5). Considera que existe diferenças culturais entre os imigrantes e os portugueses?

1 (Nenhuma)	2	3	4	5 (Imenso)

5.1) E quais são as principais diferenças?

6). Acha que as diferenças culturais são aceites na sua comunidade?

1 (Nada)	2	3	4	5 (Totalmente)

7). Na sua opinião, a diversidade cultural é um aspeto positivo ou negativo?

1 (Muito negativo)	2	3	4	5 (Muito positivo)

7.1). E porquê?

8). Considera que existe resistência por parte do imigrante para se integrar na cultura portuguesa?

1 (Nenhuma)	2	3	4	5 (Totalmente)
-------------	---	---	---	----------------

--	--	--	--	--

D). Coesão social

9). Na sua opinião, o imigrante aumenta ou reduz o sentimento de comunidade na sua localidade?

1 (Nada)	2	3	4	5 (Totalmente)

9.1) Porquê?

10). Se tivesse de descrever numa palavra a relação entre o imigrante e a comunidade da sua localidade, qual seria?

Dados do Questionário

A). Caracterização dos indivíduos

Sexo	Idade	Pergunta 1
Feminino	23	23
Feminino	52	26
Masculino	57	35
Masculino	70	70
Masculino	26	26
Masculino	26	26
Feminino	25	25
Masculino	32	3
Masculino	17	Vivo a 17 anos na Maceira
Feminino	38	2.5
Masculino	40	7
Masculino	51	51
Masculino	26	26
Feminino	64	60
Feminino	50	50
Masculino	34	2
Masculino	29	29
Masculino	49	49 anos
Masculino	50	50
Prefiro não partilhar	44	20
Feminino	56	56
Masculino	36	10
Feminino	27	24
Masculino	49	49
Masculino	47	47
Masculino	25	18
Feminino	52	26 anos
Masculino	20	20
Masculino	42	9
Masculino	52	26
Feminino	59 anos	38anos
Masculino	49	43
Masculino	26	26
Feminino	57	18 anos
Feminino	44	25
Masculino	82	82
Masculino	47	2
Masculino	38	38
Feminino	48	2
Feminino	59	15
Feminino	68	68
Feminino	54	54
Feminino	47	45
Feminino	71	9 anos
Feminino	44	3
Masculino	39	39
Feminino	19	Desde sempre
Feminino	29	3
Feminino	20	20
Masculino	50	50

Masculino	23	23 anos
-----------	----	---------

B). Dimensão Social

Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 3.1	Pergunta 4
3	4	distanciamento auto-imposto pelos emigrantes	1
2	2	Dificuldade linguística	1
1	3	Questão da língua	3
3	2	Muitos não falam português e eu não falo inglês	2
1	1	Barreira linguística, nem tão pouco alguma intenção de estabelecer contacto, de ambas as partes	1
5	1	Porque não se adaptam a nossa cultura e cultivam o ambiente de insegurança	2
3	2	Língua	2
1	2	Língua	2
1	1	São pessoas que metem muito medo há população principalmente os indianos Bangladesch etc. já os Brasileiros são espetaculares	2
2	4	Porque são muito pacíficos e amigáveis. Principalmente as famílias com crianças pequenas	1
3	2	Tenho vizinhos que são muito bons mas depois existem comunidades principalmente masculinos que metem respeito principalmente quando são muitos	2
3	3	Dificuldade na língua.	2
3	5	Mesma língua	3
2	1	Demasiado individualistas só interagem com os deles.	1
2	2	Difícil perceber a linguagem , demonstram pouca simpatia, e alguns parecem já serem os donos de tudo!	3
1	1	Língua	1
1	2	Isolam-se, e a única forma de comunicar que têm é ir para a estrada que liga as piscinas às praias masturbarem-se quando vêm mulheres passar.	1
1	2	Culturalmente Muito diferentes, não querem integrar-se na nossa cultura.	1
4	2	Dificuldades na comunicação	1
1	1	Fechados na sua cultura	1
2	1	Porque eles não comunicam connosco	1
1	1	Língua etc.	1
2	1	Não considero que seja fácil interagir com imigrantes, na minha experiência, nunca surgiu um contexto que facilitasse essa interação. Em geral, falamos línguas diferentes, o que dificulta a comunicação, e também noto que muitas vezes estão em grupo, o que me faz sentir algum receio de me aproximar. Até agora, nunca houve um verdadeiro interesse, nem da minha parte nem da deles, para criar um momento de diálogo ou convivência.	1
2	3	São a principal força laboral, no entanto condicionam acesso a habitação saúde e educação	2
3	3	normal	3
2	2	Língua	3
3	3	Não nos percebem nem nós a eles	1

2	1	língua e cultura deles	1
4	4	Acho que tentam perceber o que dizemos e tentam respeitar a nossa forma de estar e ser	4
2	2	Língua	1
5	4	Sou auxiliar de educação e contacto diariamente com imigrantes pois temos muitas crianças de várias nacionalidades	3
1	1	Indiferentes	1
2	2	Por norma não falam Português fluente e o inglês também não é o forte deles.	1
3	5	Falo inglês	1
3	3	Frequentam os estabelecimentos de comércio	3
2	5	São sossegados	4
3	3	Alguns é difícil, pois parecem viver num mundo à parte, mas outros é muito fácil pois são muito acessíveis e simpáticos (tal como todas as pessoas)	2
1	1	Questão linguística e porque não são simpáticos	1
2	4	Só interajo nas lojas e restaurantes e é fácil desde que fale em inglês	3
3	2	Língua e cultura	1
3	3	Tenho de os interpelar, não se dirigem.a nós, mas depois reagem.bem	2
2	3	Língua	2
1	1	Barreira linguística	1
3	4	Porque são simpáticos	3
1	3	Tenho pouco contacto aqui, e há poucos. Antes de vir para cá, residia na freguesia de Arroios em Lisboa, e nessa altura tinha bastante contacto com imigrantes. A diversidade cultural não me incomoda.	2
4	3	Devido às diferenças de língua (maioria não sabe português), às diferenças sociais, culturais, e educacionais.	1
1	1	Muitos tão cá para fazer mal	2
2	2	Língua	2
4	2	A maioria esforça-se para se adaptar à cultura portuguesa e facilmente interagem com portugueses, pelo menos na freguesia de A dos Cunhados e Maceira.	4
5	3	Nem todos falam inglês	1
2	2	Comunicação	2

C). Dimensão Cultural

Pergunta	Pergunta 5.1
5	
5	Forma de estar, aquilo que consideramos educação, como o bom dia ou o olá. A forma de estar no dia-a-dia.
5	Religiosa, costumes e hábitos sociais
5	Religiosas e culturais
5	Muito diferente de nós
5	Ausência de respeito dos direitos das mulheres e pelos nossos costumes e valores (na sua grande maioria)
5	Cultura, Quotidiano, Valores, Língua

5	Cultura, tradição, papel da mulher na sociedade
5	Cultura conjugal
5	Língua, religião etc.
4	Comunicação, situação socioeconómica e forma de adaptação à mesma.
5	Principalmente as religiosas
4	Hábitos e costumes.
3	Diferenças naturais dependendo da origem (língua, religião, etc.)
5	Falta de respeito ,pelos nossos costumes e religião, e hábitos.
5	Cultura e religião
5	Higiene e Cultura
5	Hábitos alimentares, indumentária, crenças, Hábitos de higiene etc.
5	Religião, cultura, forma como vêm as mulheres
5	Higiene, saúde e diferença cultural
5	Tudo
5	Vestes
5	Vida a abitos
5	As principais diferenças culturais que noto têm a ver com a forma de vestir, que geralmente é muito distinta da dos portugueses. Também se nota uma diferença na forma como interagem socialmente por exemplo, tendem a estar sempre em grupo e raramente se misturam com pessoas fora da sua comunidade, o que pode criar alguma distância. Além disso, há diferenças nos hábitos alimentares, como o uso de especiarias intensas que deixam cheiros muito marcantes nas ruas, nas roupas ou nas casas. Até a forma como se organizam em espaços públicos e a forma como expressam a sua fé ou valores pode contrastar com os costumes portugueses. Existe uma sensação de grande diferença cultural.
4	Culturais e de educação cívica
5	Sociais e religiosas
5	Comida, religião e costumes
5	Estilo de vida, mentalidade
5	língua, forma de agir
5	A forma de vestir, comer
5	Respeito
5	Temos culturas diferentes
4	Cultural
5	Forma de estar, de conviver e sobretudo de tratar pessoas do sexo feminino.
5	Cultura Educação Religião
3	Língua
5	Convívio
4	Língua; hábitos diários; relação com o sexo feminino
5	Diferenças de religião e falta de higiene
5	No que respeita ao asseio e ao respeito pelo edificado
4	vivência em comunidade e adaptação a modo de vida dos locais
4	Cultura, higiene, alimentação
5	Modo vida
5	Linguística , musical, alimentar
5	Religião e hábitos culturais
5	Há a barreira linguística. Depois há diferenças normais de estilo de vida, religião e cultura. E há a diferença socioeconómica, que é um gap muito grande. Mas somos todos seres humanos, e se eles vêm de tão longe trabalhar por tão pouco, é porque lá é pior e precisam mesmo de sair de lá. Tal como os portugueses que emigraram e emigram.

5

As diferenças sociais entre imigrantes, e portugueses em Portugal, em 2025, refletem um conjunto de desigualdades estruturais, socioeconómicas e culturais que afetam de maneira distinta os dois grupos. Apesar de Portugal ter avançado em políticas de integração, ainda persistem várias disparidades, que passo a detalhar.

Rendimento e Condições de Trabalho:

Imigrantes: Geralmente auferem salários mais baixos, mesmo quando desempenham funções semelhantes às dos portugueses. Estão sobre representados em setores com condições laborais mais precárias, como construção civil, agricultura, restauração, limpeza e trabalho doméstico.

Portugueses: Têm, em média, maior acesso a empregos estáveis, contratos formais e melhores condições de trabalho, especialmente os trabalhadores com ensino médio ou superior.

Habitação:

Imigrantes: Mais vulneráveis a viver em condições habitacionais degradadas, sobrelotadas ou sem contrato formal. Muitas vezes, vivem em zonas periféricas das cidades ou em bairros com menor acesso a serviços públicos.

Portugueses: Têm, em média, mais estabilidade habitacional. A classe média portuguesa tem maior acesso ao crédito para aquisição de habitação ou rendas reguladas.

(Exemplo real: Casos de habitação precária de trabalhadores imigrantes em Odemira, Setúbal ou Lisboa têm sido noticiados por ONG's e televisão).

Educação:

Imigrantes: Crianças imigrantes, sobretudo de origem africana, asiática ou brasileira, enfrentam maiores taxas de insucesso escolar, abandono precoce e discriminação nas escolas.

Portugueses: Beneficiam, em média, de maior continuidade nos estudos e apoio familiar mais estruturado. A barreira linguística e a ausência de apoio socioeducativo dificultam o sucesso escolar dos alunos imigrantes.

(Algumas escolas públicas implementam programas de mediação intercultural, mas a cobertura ainda é limitada).

Acesso à Saúde:

Imigrantes: Têm direito ao SNS, mas enfrentam barreiras como a burocracia, desconhecimento dos seus direitos, dificuldade de marcações e discriminação institucional.

Imigrantes em situação irregular têm mais dificuldade em aceder a cuidados preventivos.

Portugueses: Em geral, usufruem com mais facilidade do SNS. Mesmo com os problemas crónicos de acesso e falta de médicos de família, têm menos barreiras de entrada.

Integração Social e Cultural:

Imigrantes: Enfrentam maiores níveis de xenofobia, racismo estrutural e exclusão simbólica. São frequentemente associados a estereótipos negativos, sobretudo imigrantes de origem africana, asiática ou do Leste europeu.

Portugueses: Vivem com maior conforto social no espaço público, sem enfrentar a discriminação étnico-racial ou cultural.

(Segundo o Relatório Anual de Migrações do Observatório das Migrações, a discriminação racial é uma das queixas mais reportadas por imigrantes).

Regularização e Direitos Legais:

Imigrantes: Muitos vivem longos períodos em situação irregular, à espera de legalização através da manifestação de interesse. Isso limita o acesso a serviços, dificulta a mobilidade e aumenta a vulnerabilidade à exploração.

Portugueses: Beneficiam de plena cidadania e direitos civis, sem necessidade de lidar com a burocracia do SEF (agora AIMA – Agência para a Imigração e Mobilidade).

Participação Política e Cívica:

Imigrantes: Apenas alguns têm direito a votar nas autárquicas (dependendo do país de origem e tempo de residência). A representatividade política de imigrantes ainda é muito baixa.

Portugueses: Participam com mais frequência na vida política, tanto como eleitores como como representantes em partidos ou associações.

Empreendedorismo:

	Imigrantes: Muitos investem em pequenos negócios (cafés, lojas, cabeleireiros, serviços de transporte), contribuindo para a economia local. No entanto, enfrentam dificuldades no acesso ao crédito e ao apoio institucional. Portugueses: Têm maior acesso a financiamento bancário e conhecimento dos trâmites legais para criação de empresas. Perceção Social: Imigrantes: São frequentemente vistos como “mão de obra necessária” mas também como “concorrência desleal” ao emprego ou à habitação, o que alimenta preconceitos. Portugueses: Em geral, não enfrentam desconfiança social quanto à sua pertença à sociedade. - Apoio Institucional e ONGs: Existem programas públicos (ex.: Alto Comissariado para as Migrações) e ONGs (ex.: CPR, Solidariedade Imigrante, JRS) que prestam apoio aos imigrantes. Ainda assim, os recursos são insuficientes face ao número crescente de migrantes em Portugal.
5	.
4	Para além da língua, a forma como eles se dão entre eles. Nota-se que convivem bastante mais em grupo do que as restantes pessoas da freguesia e também de forma mais segmentada, geralmente os grupos são apenas de homens e/ou de mulheres e crianças. Não se nota tanta heterogeneidade nos agrupamentos.
3	Penso que seja o modo de vida, enquanto os portugueses estão a valorizar a saúde mental, a segurança no trabalho e a progressão de carreira, os imigrantes trabalham de modo a “sobreviver” em Portugal. Um exemplo, são os armazéns e fábricas onde a maioria dos colaboradores são de nacionalidade nepalesa e indiana.
5	Religião
4	.

Pergunta 6	Pergunta 7	Pergunta 7.1	Pergunta 8
2	4	Sinto que no dia-a-dia, as pessoas efetivamente têm as suas diferentes e isso não é mal aceite na nossa comunidade, Mas a postura das mesmas acaba por influenciar a forma como estas se comportam. O que tem efetivamente consequências. Mas ganhamos sempre se houver mais diversidade e entendimento.	5
3	4	Compreensão e abertura ao mundo	3
3	5	Permite e expandir horizontes	5
4	3	Não sei	3
2	3	A diversidade cultural faz sentido a partir do momento em que se insere na cultura, valores e princípios do país hospedeiro. Quando os contraria, perde-se a essência daquilo que teve ser a multicultural idade.	5
2	2	Negativo pois o que existe é a perda de identidade nacional e local	4
3	4	Crescimento pessoal	3
2	3	É tudo uma questão de aceitarmos e respeitarmos mutuamente ambas as culturas	5
1	1	Porque é muito difícil integrar essa gente cá já os brasileiros adaptar-se à gente os indianos etc. não	1
3	5	Porque nos ajuda a desenvolver empatia e competências de comunicação	2
1	2	Esta a criar receios na população principalmente feminina derivada as restrições nessas culturas	4
2	4	Multiculturalidade é sinónimo de crescimento cultural.	3

2	5	Não existem culturas superiores às outras e todas podem e devem coexistir.	2
2	2	Poe em causa o sentimento de insegurança	5
4	3	Tem de haver respeito de ambas as partes	3
1	1	Não há respeito nem higiene.	5
3	4	A diversidade é positiva porque é na diversidade que conseguimos analisar várias formas de estar na vida e se tivermos as ferramentas necessárias conseguimos construir a melhor forma de estar.	5
2	2	Sem integração há guetização	5
3	2	Têm que respeitar e adaptar á nossa cultura.	5
1	1	N/a	1
1	3	.	5
3	2	Porque eles não querem conviver com o pessoal	5
3	3	A diversidade cultural tem aspetos positivos e negativos. Por um lado, é bom aprendermos sobre outras culturas e tradições, o que pode enriquecer a nossa sociedade. No entanto, sinto que muitos imigrantes não demonstram vontade de se integrar nem valorizam a cultura portuguesa. Muitas vezes fazem tudo à sua maneira, como se quisessem impor os seus costumes. Isso preocupa-me especialmente quando noto formas de pensar ou comportamentos que não respeitam certos valores importantes para nós, como a igualdade de género e o respeito pelas mulheres.	4
3	3	É bom quando o objetivo é comum é mau quando se criam barreiras para a interação	4
2	3	Culturas demasiado diferentes	3
4	4	A diversidade é importante para dar mais dinamismo às regiões desde que não se perca a identidade das mesmas	2
3	3	Desde que haja respeito e não entre em conflito com a nossa está tudo bem	4
4	1	Eles são uns bananas	4
3	4	Acho que eles têm muito a aprender connosco assim como nós temos muito a aprender com eles	3
1	3	Culturas diferentes	5
3	3	Não é fácil mudar a cultura	5
2	2	Diferença	4
2	3	Depende da diversidade, há culturas que não fazem sentido tendo em conta as nossas normas e regras.	4
1	1	A maioria não respeita a nossa cultura e religião	4
4	3	Não interfere	3
3	3	Partilha de vivências	1
2	4	A diversidade cultural é enriquecedora para todas as partes, mas tem de ser bem partilhada	4
1	1	Porque automaticamente a segregação é visível daí a interação ser nula	5
2	5	Porque permite a coexistência de hábitos diferentes	5
2	2	Não há diversidade cultural ,há apenas 2 nacionalidades que se exploram entre si e tiram partido das necessidades dos habitantes locais de rentabilizar património devoluto	4
3	3	A todos pode enriquecer.	4
3	3	Integrar-se melhor	4
4	3	Poderia ser positivo se eles se quisessem integrar compreender e respeitar as nossas leis	5

3	3	Porque a diversidade é boa	4
2	5	A diversidade cultural abre mentalidades e pode aumentar a tolerância e entreajuda, se a população local tiver o mínimo de QI. Além disso, estas pessoas trazem dão-nos a conhecer a sua cultura e culinária, e podemos todos aprender uns com os outros. Gosto muito de ter acesso a produtos vindos dos seus países, como tinha em Arroios.	3
2	4	Porque acho que que diversidade está em qualquer parte do mundo, basta sabermos aceitar os outros tal como são.	4
3	3	.	1
2	4	Têm culturas diferentes o que permite à população da freguesia aprender com a população imigrante e vice versa.	3
4	4	A imigração controlada consegue trazer benefícios para o país, pois sem eles não seria possível manter tantas empresas em Portugal abertas. Os imigrantes são pessoas mais sociáveis, na freguesia de A dos Cunhados e Maceira, existe uma mercearia onde passo por lá todas as tardes depois do horário laboral e a quantidade de imigrantes que lá encontro é enorme, são eles que a mantêm aberta.	2
4	5	Gosto de conhecer novas culturas	4
3	3	.	5

D). Coesão Social

Pergunta 9	Pergunta 9.1	Pergunta 10
Diminui	porque não estando completamente enturmado digamos, acaba sempre por trazer algum sentimento de estranheza, o que não contribui para uma inclusão ou bem-estar social.	coabitação
Não tem nenhum impacto	Não existe muita integração, logo não interferem	Coexistência
Diminui	Medo da diferença por parte da comunidade	Interesse económico
Não tem nenhum impacto	Fazemos a nossa vida normalmente	Não sei
Diminui	Novamente, por motivos de Barreira linguística. Não pode existir comunidade sem diálogo.	Desconfortável
Diminui	Porque não se integram nos nossos valores e costumes	Invasão
Diminui	Cultura diferente que inerentemente cria distância	Afastamento
Diminui	Vê-se cada vez mais imigrantes na rua e não portugueses	Em a dos cunhados, pacífica
Diminui	Porque as pessoas já não andam à vontade com essa gente cá	Fora daqui que não fazem falta nenhuma
Não tem nenhum impacto	Porque a cultura não é algo estanque. É o que as pessoas quiserem fazer com ela.	Segregação, infelizmente
Diminui	Pois muitas das pessoas têm medo de se reunir e sair de casa principalmente a noite	Por vezes intimidante

Não tem nenhum impacto	Tudo funciona normalmente.	Receio
Aumenta	Efetivamente, por motivos menos bons, os locais parecem estar cada vez mais unidos por um elo de racismo e xenofobia, ao invés de promoverem uma maior integração dos e interação com os imigrantes.	Desafiante
Diminui	Por falta de segurança.	Incompatibilidade
Diminui	A comunidade sente alguma insegurança	Insegurança
Diminui	Mau ambiente.	Nada.
Diminui	Porque os nossos valores culturais tendem-se a representar cada vez menos uma vez que somos cada vez menos a nível percentual.	Interesseira.
Diminui	São corpos estranhos que não se podem considerar parte da comunidade	O indispensável
Diminui	A dos Cunhados, está completamente descaracterizado!	Desconfiança
Diminui	N/a	N/a
Diminui	.	.
Diminui	Porque não querem conviver com os portugueses	Ingrata
Diminui	Porque muitos imigrantes mantêm-se fechados entre si, sem tentar integrar-se ou participar nas atividades da comunidade local. Isso cria uma divisão entre “eles” e “nós”, o que enfraquece o sentimento de união e pertença. Em vez de fortalecerem a comunidade, acabam por formar grupos à parte, o que acaba por gerar distância e até algum desconforto.	Inexistente
Aumenta	Une os locais por oposição aos imigrantes	São a principal força de trabalho rural e industrial
Diminui	Sim	Diferença
Diminui	Diminui porque os residentes podem sentir que estão a ser ‘invadidos’ e os seus costumes podem mudar por causa dos imigrantes	Estranheza
Diminui	Porque a comunidade, mulheres e crianças, tem receio de andar sozinhas na rua principalmente depois do Sol se pôr	Receio
Diminui	.	MEDO
Não tem nenhum impacto	Acho que a comunidade se quer interagir com as coisas da vila , não é por haver mais emigrantes que não o fazem	Boa
Diminui	Não interagem	Indiferente
Aumenta	A dos cunhados antes da comunidade emigrante chegar não tinha movimento era uma terra parada, e neste momento existe mais movimento e coisas a acontecer na terra	Difícil pois nem toda a gente aceita a vinda
Diminui	Divisão	Nenhuma
Diminui	Porque não tentam fazer parte dela.	Distante
Não tem nenhum impacto	Não se querem integrar na comunidade	Débil

Não tem nenhum impacto	Cada um no seu lugar	Trabalho
Diminui	Medo do desconhecido	Serena
Diminui	Sinto um deslaçar no sentido de comunidade porque a diversidade cultural é muito ampla, o que torna difícil integrar todos, mas deve ser feito esse esforço. No entanto este sentimento de comunidade não está a diminuir apenas por causa da comunidade emigrante, mas principalmente porque uma grande parte da minha geração saiu da freguesia e há um vazio geracional	Tensa
Diminui	Porque fazem eles próprios a segregação comunitária	Nula
Diminui	As pessoas têm medo de sair	Desconfiança
Aumenta	Por criarem novas comunidades que não partilham modo de vida e religião	Indiferença
Aumenta	A comunidade sente-se atingida nos seus costumes, receando que, por serem muitos imponham a sua cultura e por isso comentam, o que leva a unirem-se para preservar tradições, por exemplo	Indiferente
Diminui	Não sei	Fria
Não tem nenhum impacto	Poderia aumentar se eles não fizessem questão de ser uma comunidade dentro da nossa comunidade (falam na língua deles, tem comércio com os nomes na língua deles..)	Aceitação da nossa parte, embora em algumas alturas do dia me sinta intimidada e receosa
Diminui	Porque alguns naturais estão a explorar os imigrantes com os alugueres de casas	Tolerância
Não tem nenhum impacto	Não noto diferença. Há uma barreira difícil de quebrar. E não é apenas em relação aos imigrantes, é geral para quem vem de fora, como eu. A integração é difícil, a diferença cultural é muito grande entre Lisboa e A-dos-Cunhados, imagine para um estrangeiro! Aqui a população é muito conservadora e julgamentosa, pouco acolhedora, rude até, com falta de modos e de padrões de atendimento ao público, e escasseia a empatia. A resistência é talvez maior da comunidade local.	Inglório.
Não tem nenhum impacto	Pois a comunidade não interage muito com eles..	Neutra.
Diminui	Acaba por ser apenas estranhos	excesso
Diminui	As pessoas sentem-se ameaçadas com quem vem de fora. Até eu que vim de outra zona do país não fui bem vista na minha rua por ser de fora. Creio que por ser um meio pequenos as pessoas têm medo da diferença, no caso dos imigrantes ainda mais porque as diferenças culturais são maiores.	Desconfiança
Aumenta	No meu local de residência, a única noção de comunidade são eles, caso não os visse a passarem, penso que só veria não mais que 5 portugueses	Íntegra



Lisbon School
of Economics
& Management
Universidade de Lisboa

Diminui	Muita gente desconhecida	Para trabalhar são bem vindos
Diminui	.	.